

ARAUTOS DO EVANGELHO

Associação Internacional de Direito Pontifício

Número 67
Julho 2007

Arautos recebem Cardeal Rodé

A REGRA DE SÃO BENTO

Escuta, filho, os preceitos do Mestre, e inclina o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade e executa eficazmente o conselho de um bom pai, para que voltes, pelo labor da obediência, Àquele de quem te afastaste pela desídia da desobediência. A ti, pois, se dirige agora a minha palavra, quem quer que sejas que, renunciando às próprias vontades, empunhas as gloriosas e poderosíssimas armas da obediência para militar sob o Cristo Senhor, verdadeiro Rei.

Antes de tudo, quando emprenderes algo de bom, pede-Lhe com oração muito insistente que seja por Ele plenamente realizado, a fim de que nunca venha a entristecer-Se, por causa das nossas más ações, Aquele que já Se dignou contar-nos no número de seus filhos; assim, pois, devemos obedecer-Lhe em todo tempo, usando de seus dons a nós concedidos para que não só não venha jamais, como Pai irado, a deserdar seus filhos, nem tenha também, qual Senhor temível, irritado com nossas más ações, de entregar-nos à pena eterna como péssimos servos que não quiseram segui-Lo para a glória.

*(Prólogo da
Regra de São Bento)*

“São Bento”
Basílica de São Paulo Extramuros, Roma

No fundo, claustro da Abadia Beneditina
de Weingarten (Alemanha)





Revista mensal dos
**ARAUTOS DO
EVANGELHO**

Associação privada internacional de
fiéis de direito pontifício

Ano VI, nº 67, Julho 2007

Diretor Responsável:

Pe. Pedro Paulo de Figueiredo

Conselho de Redação:

Guy Gabriel de Ridder, Juliane
Vasconcelos A. Campos, Luis Alberto
Blanco Cortés, Mariana Morazzani
Arráiz, Severiano Antonio
de Oliveira

Publicada por:

Associação Arautos do Evangelho
do Brasil - CNPJ: 03.988.329/0001-09

Redação e Administração

Rua Bento Arruda, 89
02460-100 - São Paulo - SP
www.arautos.org.br

E-mail: admrevista@arautos.org.br

SERVIÇO DE

ATENDIMENTO AO ASSINANTE:

(11) 6971-9050

(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:30H.)

Montagem:

Equipe de artes gráficas dos
Arautos do Evangelho

Impressão e acabamento:

R. R. Donnelley Moore
Av. Tucunaré, 299 - 06460-020 - SP

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos,
desde que se indique a fonte e se envie cópia à
Redação. O conteúdo das matérias assinadas
é da responsabilidade dos respectivos autores.

Assinatura Anual:

Comum R\$ 85,00
Colaborador R\$ 120,00
Benfeitor R\$ 180,00
Patrocinador R\$ 250,00
Exemplar avulso R\$ 7,70

SUMÁRIO

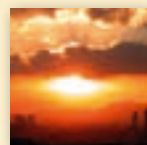
Escrevem os leitores 4



Arautos no mundo

32

A teocracia ao longo da História (Editorial) .. 5



Deus me vê

36



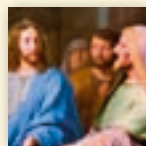
A voz do Papa –
O Bom Pastor e os
seus sacerdotes

6



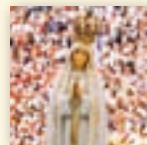
A palavra dos Pastores

39



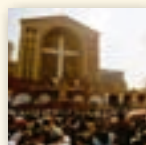
Comentário ao Evangelho –
Quem é o
meu próximo?

10



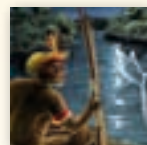
Aconteceu na
Igreja e no mundo

42



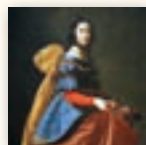
Os movimentos leigos e a
Grande Missão Continental

18



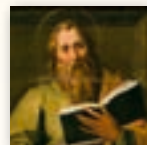
História para crianças...
O índio centenário

46



Santa Isabel de Portugal –
A rainha da
bondade e da paz

22



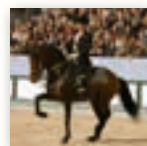
Os santos de
cada dia

48



Cardeal Franc Rodé visita os
Arautos do Evangelho

26



A natureza sublimada:
os cavalos andaluzes

50

ESCREVEM OS LEITORES



PARABÊNS PELA FECUNDIDADE APOSTÓLICA!

Renovo hoje minha assinatura e quero ler a belíssima Revista Arautos enquanto vida tiver. É maravilhosa, e como ensina a viver a vida! As ilustrações são indescritíveis e o conteúdo, grandioso! Parabéns pela fecundidade apostólica da Revista!

*Irmã Maria José Brandão Lima
Salvador, BA*

FINÍSSIMO APOSTOLADO

Tenho recebido com grande alegria a Revista Arautos, a qual tenho saboreado especialmente. Contem com minhas orações, assim como com meu permanente apoio e fidelidade. Admiro o finíssimo apostolado efetuado pelos Arautos do Evangelho. Sei que têm uma especial proteção divina. Que Deus os abençoe! Reiterando meus agradecimentos, desejo-lhes bênçãos celestiais e uma especial proteção de Maria Santíssima.

*Pe. Jaime Manríquez
Los Lagos (Chile)*

ÊNFASE NO AMOR DE DEUS

“Magnífico” parece ser o melhor meio de descrever a edição em inglês da Revista Arautos do Evangelho, no tocante ao objetivo e ao foco de cada artigo. O que mais me chama a atenção é a ênfase posta no amor de Deus e na intercessão de Maria. Tendo isso em vista, minhas congratulações vão para todos vocês, por essa Revista que é realmente um “trabalho de amor”. Continuem com essa boa obra.

*Angelita Abe
Montreal (Canadá)*

PEÇO QUE ME ACEITEM COMO ASSINANTE

Tomei emprestadas algumas revistas de amigos, comecei a vê-las e fui me aprofundando na leitura, que realmente é uma luz para os nossos caminhos. Senti-me tão bem que resolvi escrever para pedir que me aceitem como mais uma contribuinte desta Evangelização. Quero receber sempre a Revista, em meu próprio nome.

*Poliana Almeida Sales
Esperantinópolis, MA*

RICO CONTEÚDO EM DOCTRINA

Obrigada pelo envio de tão preciosa Revista. Temos muita alegria em recebê-la. A última estava muito linda. Não temos palavras para dizer-lhes o grande bem que nos fazem espiritualmente, com seu rico conteúdo em doutrina e tudo mais.

*Irmãs Dominicanas da
Santíssima Trindade
Baza, Granada (Espanha)*

DEIXO DE COMPRAR COISAS PARA COMER

Eu deixo de comprar coisas para comer, para poder pagar a Revista, que me traz conforto e calma nas horas mais difíceis. Leio as explicações do Evangelho e sinto-me muito emocionada. A maior felicidade de minha vida é ler a Revista Arautos.

*Maria das Graças de Jesus
Lagoa da Prata, MG*

ENSINAMENTOS DO PAPA

Muito agradecido pela Revista Arautos. A primeira coisa que leio são os ensinamentos do Papa, que me encantam. Depois, as missões que realizais levando a imagem da Virgem de Fátima a visitar os enfermos e os mais pobres, porque isto é fazer o bem.

*Rafael Cabezudo Gragera
Montijo, Badajoz (Espanha)*

CARIDADE

Mais uma vez acabo de receber a vossa Revista. Como não poderia deixar de ser, os seus temas muito nos ensinam e nos chamam a atenção para situações do nosso dia-a-dia, e dão origem à reflexão. O que é bom, pois muitas vezes a vida nos absorve e não nos deixa olhar para o nosso semelhante. O tema que mais me chamou a atenção foi o da “Caridade”, a qual pode ser praticada de diversas maneiras, conforme vem demonstrado muito bem nas páginas da Revista.

*Fernando Duarte
Porto (Portugal)*

MATERIAL PARA OS CURSOS DE FORMAÇÃO

Com essa Revista, a cada dia que passa vou me alimentando espiritualmente, o que é o principal. Sou catequista na minha comunidade. Às vezes temos um tema para partilhar nos cursos de formação e, por pura providência divina, existe o assunto na Revista. O número de fevereiro está insuperável, sobretudo onde trata do celibato e da vida consagrada.

*Jonaina Valderrino
Campina Grande, PB*

ASSUNTOS MUITO PROVEITOSOS E VALIOSOS

Sou assinante da Revista. Quando a recebo, fico muito emocionada, principalmente quando vejo as capas maravilhosas. Muito bonitas são as ilustrações. Gostei demais da capa com as crianças. Fiquei apaixonada quando recebi a de fevereiro, com a foto do Papa Bento XVI. Os assuntos contidos na Revista são muito proveitosos e valiosos. São assuntos que estão se dando no nosso dia-a-dia ou que já aconteceram, como a vida dos santos.

*Sebastiana Barreto
Cabo de Santo Agostinho, PE*

A TEOCRACIA AO LONGO DA HISTÓRIA

Na Antiguidade, muitos povos atribuíam qualidades divinas a seus governantes, talvez por uma noção imprecisa de que a autoridade vem do Alto (cfr. Jo 19, 11). Os romanos, por exemplo, adoravam os imperadores, o que não os impedia de assassiná-los quando se cansavam de suas crueldades... Mas, na realidade, a História só conheceu um povo que foi governado diretamente por Deus: Israel. Era uma teocracia na sua forma mais pura. Nenhuma outra nação teve semelhante privilégio, nem houve sistema de governo mais perfeito do que esse: o Decálogo permanece pelos séculos afora como exemplo da simplicidade, eficácia e beleza da legislação divina.

Apesar dessa superioridade, o povo exigiu de Deus que lhe desse um monarca, à semelhança das outras nações. Deus atendeu seu pedido e entregou o cetro a Saul, pon-do fim à teocracia em Israel.

Com a fundação da Igreja, povo eleito do Novo Testamento, o Filho de Deus escolheu Pedro e seus sucessores para governá-la. Prometeu enviar o Espírito Consolador, deu-lhes o dom de infalibilidade e o poder das chaves (cf. Mt 16, 19). Assim, o sucesor de Pedro permanece como perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade da Igreja, com poder pleno, supremo e universal.

Do tempo em que São Pedro regia a Igreja nascente, sentado em sua singela cátedra, até nossos dias, a complexidade do governo cresceu quase ao infinito. Inspirados pelo Espírito Santo, os Papas souberam adaptar-se às novas circunstâncias, criando ao longo dos séculos os vários organismos da Cúria Romana para os auxiliarem no pastoreio do povo de Deus.

Algumas das atuais congregações romanas devem sua remota origem à construção da atual Basílica de São Pedro, que recentemente comemorou seus 500 anos de existência. Visando levar adiante tão monumental empreendimento, os Papas instituíram a Fábrica de São Pedro, comissão composta por cardeais que se reuniam regularmente para resolver os problemas atinentes à construção. E ficou o costume de se congregarem os cardeais para deliberar sobre os assuntos a eles confiados pelo Papa.

Um dos mais antigos dicastérios da Cúria Romana é a Secretaria de Estado, que remonta aos finais do séc. XV, quando foi instituída a Secretaria Apostólica, destinada a coadjuvar de perto o Sumo Pontífice. Com a descoberta do Novo Mundo, nasceu a necessidade de impulsionar as missões, tendo sido criada a Congregação de *Propaganda Fide*, hoje Congregação para a Evangelização dos Povos. Após o Concílio de Trento, a fim de interpretar e aplicar as reformas conciliares, foi criada a *Sacra Congregatio Cardinalium Concilii Tridentini interpretum*, à qual S.S. Paulo VI, em 1967, deu a denominação de Congregação para o Clero.

Deveu-se ao Papa Sisto V, em 1587, a iniciativa da organização da Cúria tal como a conhecemos hoje, dividida em Congregações Romanas, com o que a eficácia da ação pastoral dos Papas se viu muito beneficiada.

Porém, por mais engenhosos que sejam os métodos de organização do governo da Igreja, nunca devemos esquecer, como nos ensina admiravelmente o Concílio Vaticano II, que o Espírito Santo é quem dota, dirige e embeleza a Igreja, mediante os diversos dons hierárquicos e carismáticos (LG n. 4).



Cerimônia de Ordenação Presbiteral e Diaconal na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no Seminário dos Arautos do Evangelho (Brasil)

(Foto: Diego Rodriguez)



O Bom Pastor e os seus sacerdotes

No Domingo do Bom Pastor, o Papa Bento XVI conferiu a ordenação presbiteral a 22 diáconos da Diocese de Roma, e os convidou a traduzir, na vida e no ministério pastoral, o amor de Jesus pela salvação das almas.

O dia de hoje, IV Domingo de Páscoa, tradicionalmente dito do “Bom Pastor”, reveste-se para nós, que estamos reunidos nesta Basílica Vaticana, de um significado particular. É um dia absolutamente singular, sobretudo para vós,

queridos diáconos, aos quais, como Bispo e Pastor de Roma, me sinto feliz por conferir a ordenação sacerdotal. Começareis assim a fazer parte do nosso “*presbyterium*”. Juntamente com o Cardeal Vigário, com os bispos auxiliares e com os sacerdotes da diocese, agradeço ao Senhor pelo dom do vosso

sacerdócio, que enriquece a nossa comunidade de 22 novos Pastores.

O Bom Pastor

A densidade teológica do breve trecho evangélico, que há pouco foi proclamado, ajuda-nos a compreender melhor o sentido e o valor desta



Fotos: Osservatore Romano

“Cristo é o verdadeiro Bom Pastor que deu a vida pelas suas ovelhas, por nós, imolando-Se na Cruz”

solene Celebração. Jesus fala de Si como do Bom Pastor que dá a vida eterna às suas ovelhas (cf. Jo 10, 28).

A imagem do pastor está muito radicada no Antigo Testamento e é muito querida à tradição cristã. O título de “Pastor de Israel” é atribuído pelos profetas ao futuro descendente de David, e, portanto, possui uma indubitável relevância messiânica (cf. Ez 34, 23). Jesus é o verdadeiro Pastor de Israel, porque é o Filho do Homem que quis partilhar a condição dos seres humanos para lhes doar a vida nova e conduzi-los à salvação. Significativamente, à palavra “pastor” o Evangelista acrescenta o adjetivo *kalós* (bom) que ele usa apenas em referência a Jesus e à sua missão. Também na narração das bodas de Caná o adjetivo *kalós* é usado duas vezes para conotar o vinho oferecido por Jesus, e é fácil ver nele o símbolo do vinho *bom* dos tempos messiânicos (cf. Jo 2, 10).

“*Dou-lhes* (isto é, às minhas ovelhas) *a vida eterna e nunca hão de perecer*” (Jo 10, 28). Assim afirma Jesus, que pouco antes tinha dito: “*O bom pastor oferece a vida pelas suas ovelhas*” (cf. Jo 10, 11). João utiliza o verbo *tithénai* (oferecer) que repete nos versículos seguintes (15.17.18); encontramos o mesmo verbo na narração da Última Ceia, quando Jesus “*depôs*” as suas vestes para depois “*as retomar*” (cf. Jo 13, 4.12). É claro que deste modo se deseja afirmar que o Redentor dispõe com absoluta liberdade da própria vida, de modo a poder oferecê-la e depois retomá-la livremente.

Cristo é o verdadeiro Bom Pastor que deu a vida pelas suas ovelhas, por nós, imolando-Se na Cruz. Ele conhece as suas ovelhas e as suas ovelhas O conhecem, como o Pai O conhece a Ele e Ele ao Pai (cf. Jo 10, 14-15). Não se trata de mero conhecimento intelectual, mas de uma relação pessoal profunda; um conhecimento do coração, próprio de quem ama e de quem é amado; de quem é fiel e de quem sabe que, por sua vez, pode



“O Sacramento da Ordem que estais para receber vos fará participar da mesma missão de Cristo”

confiar; um conhecimento de amor em virtude do qual o Pastor convida os seus a segui-Lo, e que se manifesta plenamente no dom que lhes faz da vida eterna (cf. Jo 10, 27-28).

Para serdes seus dignos ministros, deveis alimentar-vos incessantemente da Eucaristia

Queridos Ordenandos, a certeza de que Cristo não nos abandona, e de que obstáculo algum poderá impedir a realização do seu de-

signio universal de salvação seja para vós motivo de constante conforto, também nas dificuldades, e de esperança inabalável. A bondade do Senhor está sempre convosco e é forte. O Sacramento da Ordem que estais para receber vos fará participar da mesma missão de Cristo; sereis chamados a difundir a semente da sua Palavra, a semente que traz em si o Reino de Deus, a dispensar a divina misericórdia e a alimentar os fiéis na mesa do seu Corpo e do seu Sangue.

Para serdes seus dignos ministros, deveis alimentar-vos incessantemente da Eucaristia, fonte e ápice da vida cristã. Aproximando-vos do altar, a vossa escola quotidiana de santidade, de comunhão com Jesus, do modo de entrar nos seus sentimentos, para renovar o sacrifício da Cruz, descobrireis cada vez mais a riqueza e a ternura do amor do Mestre divino, que hoje vos chama a uma amizade mais íntima com Ele. Se O ouvirdes com docilidade, se O seguides fielmente, aprendereis a traduzir na vida e no ministério pastoral o seu amor e a sua paixão pela salvação das almas. Cada um de vós, queridos Ordenandos, tornar-se-á, com a ajuda de Jesus, um bom pastor pronto para dar, se necessário for, também a vida por Ele.

Apesar das incompreensões e dos contrastes, o apóstolo de Cristo não perde a alegria

Assim aconteceu no início do Cristianismo com os primeiros discípulos, enquanto, como escutamos na primeira leitura, o Evangelho se ia difundindo entre consolações e dificuldades. Vale a pena ressaltar as últimas palavras do trecho dos Atos dos Apóstolos que ouvimos: “*Os discípulos estavam cheios de alegria e do Espírito San-*

to” (13, 52). Apesar das incompreensões e dos contrastes, de que ouvimos falar, o apóstolo de Cristo não perde a alegria, aliás, é a testemunha daquela alegria que brota do estar com o Senhor, do amor a Ele e aos irmãos.

Envolvamos estes nossos irmãos com nossa solidariedade espiritual

Hoje, Dia Mundial de Oração pelas Vocações — que este ano tem como tema “*A vocação ao serviço da Igreja-comunhão*” — rezemos para que todos os que são escolhidos para uma missão tão excelsa sejam acompanhados da orante comunhão de todos os fiéis.

Rezemos para que cresça em cada paróquia e comunidade cristã a atenção pelas vocações e pela formação dos sacerdotes: ela inicia na família, prossegue no seminário e inclui todos os que têm a solicitude pela salvação das almas. Queridos irmãos e irmãs que participais nesta sugestiva Celebração, e em primeiro lugar vós, parentes, familiares e amigos destes 22 diáconos que daqui a pouco serão ordenados presbíteros! Envolvamo-los, a estes nossos irmãos no Senhor, com a nossa solidariedade espiritual. Rezemos para que sejam fiéis à missão

a que hoje o Senhor os chama, e estejam prontos para renovar todos os dias a Deus o seu “sim”, o seu “eisme”, sem hesitações. E peçamos ao Senhor da messe, neste Dia pelas Vocações, que continue a suscitar muitos e santos presbíteros, totalmente dedicados ao serviço do povo cristão.

Neste momento tão solene e importante da vossa existência, é ainda a vós, queridos Ordenandos, que me dirijo com afeto. A vós hoje Jesus repete: “*Já não vos chamo servos, mas amigos*” (Jo 15, 15). Acolhei e cultivai esta amizade divina com “amor eucarístico”! Acompanhe-vos Maria, Mãe celeste dos sacerdotes; Ela, que sob a Cruz se uniu ao Sacrifício do seu Filho e, depois da ressurreição, no Cenáculo, recebeu juntamente com os Apóstolos e os outros discípulos o dom do Espírito, ajude a vós e cada um de nós, queridos irmãos no sacerdócio, a deixar-nos transformar interiormente pela graça de Deus. Só assim é possível ser imagens fiéis do Bom Pastor; só assim se pode desempenhar com alegria a missão de conhecer, guiar e amar o rebanho que Jesus adquiriu com o preço do Seu Sangue.

(Homilia durante a ordenação sacerdotal, 29/4/2007)

A oração de Jesus

Diante de uma multidão de fiéis reunidos na Praça de São Pedro, o Santo Padre explica a necessidade da oração na vida de todo cristão, apresentando por modelo o próprio Jesus.

Neste segundo domingo de Quaresma, o evangelista Lucas resalta que Jesus subiu ao monte “*para rezar*” (Lc 9, 28) juntamente com

os apóstolos Pedro, Tiago e João, e, “*enquanto rezava*” (Lc 9, 29), verificou-se o mistério luminoso da sua transfiguração. Para os três apóstolos, subir ao monte significou ser incluídos na oração de Jesus, que Se re-

tirava com frequência em oração, especialmente ao alvorecer e depois do pôr-do-sol, e por vezes durante toda a noite. Mas só daquela vez, no monte, Ele quis manifestar aos seus amigos a luz interior com que era cumu-



“A oração não é um acessório, algo opcional, mas é questão de vida ou de morte.”

lado quando rezava: o seu rosto, lemos no Evangelho, iluminou-se e as suas vestes deixaram transparecer o esplendor da Pessoa divina do Verbo encarnado (cf. Lc 9, 29).

Há outro pormenor, precisamente da narração de São Lucas, que merece ser ressaltado: a indicação do objeto da conversação de Jesus com Moisés e Elias, que surgiram ao seu lado, transfigurado. Eles — narra o Evangelista — *“falavam da sua partida (em grego exodos), que se havia de realizar em Jerusalém”* (Lc 9, 31). Portanto, Jesus ouve a Lei e os Profetas que Lhe falam da sua morte e ressurreição. No seu diálogo íntimo com o Pai, Ele não sai da História, não evita a missão para a qual veio ao mundo, mesmo se sabe que para chegar à glória deverá passar pela Cruz.

Aliás, Cristo entra mais profundamente nesta missão, aderindo completamente à vontade do Pai, e mostra-nos que a verdadeira oração consiste precisamente em unir a nossa vontade à de Deus.

A oração não é um acessório, mas é questão de vida ou de morte

Portanto, para um cristão, rezar não significa evadir-se da realidade e das responsabilidades a que ela obriga, mas assumi-las totalmente, confiando no amor fiel e inexaurível do Senhor. Por isso, a prova da transfiguração é, paradoxalmente, a agonia no Getsemani (cf. Lc 22, 39-46). Na iminência da Paixão, Jesus experimentará a angústia mortal e entregará-Se-á à vontade divina; naquele momento a sua oração será penhor

de salvação para todos nós. De fato, Cristo suplicará ao Pai celeste para que o “liberte da morte” e, como escreve o autor da carta aos Hebreus, *“foi atendido por causa da sua piedade”* (Hb 5, 7). A ressurreição dá provas desse atendimento favorável.

Queridos irmãos e irmãs, a oração não é um acessório, algo opcional, mas é questão de vida ou de morte. Só quem reza, isto é, quem se confia a Deus com amor filial, pode entrar na vida eterna, que é o próprio Deus. Durante este tempo de Quaresma, pedimos a Maria, Mãe do Verbo encarnado e Mestra de vida espiritual, que nos ensine a rezar como fazia o seu Filho, para que a nossa existência seja transformada pela luz da sua presença. ✧

(Ângelus, 4/3/2007)

Todos os direitos sobre os documentos pontifícios estão reservados à Libreria Editrice Vaticana.
A íntegra dos documentos acima pode ser encontrada em www.arautos.org.br/revistadomes



Gustavo Kraijl

Quem é o meu próximo?

A Lei mandava amar o próximo como a si mesmo. Os judeus, porém, limitavam o conceito de próximo, de forma a restringir essa importante obrigação. Jesus vem dar o verdadeiro sentido à Lei.



Pe. João Scognamiglio Clá Dias

Presidente Geral

I – O PRINCIPAL OBJETO DO PENSAMENTO, ONTEM E HOJE

“Falhou o motor do carro, acabou a energia elétrica, os bancos entra-

ram em greve, foi lançado um novo tipo de *software*, afinal a ciência encontrou a substância preventiva contra o câncer”... e, se tempo e espaço houvesse, poderíamos encher pá-

ginas e páginas com os assuntos que no mundo atual absorvem exageradamente a atenção da humanidade. Deus deixou de ser a preocupação principal de quase todas as pessoas



Jesus responde à pergunta capciosa do doutor da Lei, com outra pergunta: “O que está escrito na Lei? Como lês tu?”

“Jesus e os fariseus”
Museu de Artes
Montreal (Canadá)

EVANGELHO

²⁵ Então, levantou-se um doutor da Lei, que Lhe disse para O experimentar: “Mestre, que devo eu fazer para alcançar a vida eterna?” ²⁶ Jesus respondeu-lhe: “O que é que está escrito na Lei? Como lês tu?” ²⁷ Ele respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e o teu próximo como a ti mesmo.” ²⁸ Jesus disse-lhe: “Respondeste bem: faze isso e viverás.” ²⁹ Mas ele, querendo justificar-se, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?”. ³⁰ Jesus, retomando a palavra, disse: “Um homem descia de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos ladrões que o despojaram, o espancaram e retiraram-se, deixando-o meio morto. ³¹ Ora aconteceu que descia pelo mesmo caminho um sacerdote que, quando o viu, passou de largo. ³² Iguamente um levita, chegando perto daquele lugar e vendo-o, passou adiante. ³³ Um samaritano, porém, que ia de viagem, chegou perto dele e, quando o viu, encheu-se de compaixão. ³⁴ Aproximou-se dele, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho; e, pondo-o sobre o seu jumento, levou-o a uma estalagem e cuidou dele. ³⁵ No dia seguinte tirou dois denários, deu-os ao estalajadeiro e disse-lhe: “Cuida dele; quanto gastares a mais, eu to pagarei quando voltar. ³⁶ Qual destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões? ³⁷ Ele respondeu: “O que usou de misericórdia com ele.” Então Jesus disse-lhe: “Vai e faze tu o mesmo.” (Lc 10, 25-37)

para dar lugar a um desenfreado ego-centrismo. A agitação passou a ser a nota tônica do dia-a-dia em toda a face da terra, o relacionamento humano e a própria estrutura da vida social já não mais facilitam a elevação do pensamento a Deus.

A esse respeito, a situação do gênero humano era bem diversa na época da Jesus; apesar da grande decadência na qual estava ele mergulhado, o empenho em conhecer idéias era mais notório. No povo judeu, em concreto, a apetência por explicitações doutrinárias, sobretudo quando estreitamente ligadas com a religião, era robusta e

contagante. Um exemplo característico deste estado de espírito ocorre com o legista que, no Evangelho de hoje, se levanta para fazer uma pergunta a Nosso Senhor. Por mais que seu intento não fosse inteiramente isento de segundas intenções, o questionamento exposto por ele deixa transparecer qual era o teor dos assuntos tratados nas conversas comuns daquele período histórico.

Contexto do diálogo entre Jesus e o doutor da Lei

Esse fato narrado por Lucas deve ter-se passado por volta do mês

de outubro do ano 29, portanto no último da vida pública de Jesus, um pouco antes da festa dos Tabernáculos. Recém terminara o treinamento dos setenta e dois discípulos pelas aldeias da Peréia, região calma e um tanto recolhida, na qual não chegava a acontecer nada semelhante às hostilidades características da Judéia. Jesus escolhera com divina sabedoria a região onde eles deveriam realizar suas primeiras aventuras apostólicas. Ademais, por ali, os Apóstolos e discípulos não tinham nenhum laço de amizade ou de parentesco com os seus beneficiados,

como na Galiléia, tornando assim mais fácil sua ação. Provavelmente, os fatos do Evangelho de hoje se verificaram em Jericó e se inserem na atmosfera de alegria reinante entre todos, pelas excelentes novidades transmitidas por eles e comentadas pelo Divino Mestre, pois “até os demônios se nos submetem em teu nome!” (Lc 10, 17). Aqueles simples pescadores, que haviam abandonado o comércio de peixes para lançar as redes no mar das almas, foram eleitos não para prever, nem somente para comprovar, mas para serem os anfitriões de uma nova era.

É nesse quadro histórico que se desdobra o diálogo contido no Evangelho de hoje.

II – MALÉVOLAS INTENÇÕES DOS DOUTORES DA LEI E DOS FARISEUS

²⁵ Então, levantou-se um doutor da Lei, que Lhe disse para O experimentar: “Mestre, que devo eu fazer para alcançar a vida eterna?”

A pergunta feita pelo doutor da Lei é praticamente a mesma relatada tanto por São Mateus (22, 35), como por São Marcos (12, 28). Porém, ao lermos os três Evangelhos, damos-nos conta de serem cenas diferentes. Esta de São Lucas (da Liturgia de hoje), como foi dito anteriormente, deve ter-se passado em Jericó e, levando em conta o consagrado costume durante as exposições e pregações realizadas nas sinagogas — ou seja, todos os assistentes



O doutor da Lei, por orgulho, queria entrar em polêmica com Jesus

algum lapso, transparece na essência e na forma da pergunta. Se alcançasse êxito em seu intento, teria satisfeito seu amor próprio. Provavelmente se tratava de um fariseu ainda não penetrado das malévolas intenções daqueles que, mais tarde, procurariam pretexto para matá-Lo. São Cirilo é categórico em afirmar que “certos charlatães percorriam todo o território judaico lançando acusações contra Cristo e dizendo que Ele qualificava de inútil a Lei de Moisés e ensinava doutrinas novas. Querendo, pois, aquele doutor da Lei induzir Jesus a dizer algo contra a Lei de Moisés, apresenta-se tentando-O, chamando-O de Mestre, não suportando ser ensinado. E como costumava o Senhor falar da vida eterna a todos quantos vinham a Ele, o doutor da Lei servia-se de suas próprias palavras; e como O tenta com astúcia, não ouve outra coisa a não ser o que Moisés tinha ensinado. Por isso, Jesus respondeu-lhe: ‘O que é que está escrito na Lei? Como lês tu?’” (1). O objetivo desse doutor da Lei era de pôr à prova os conhecimentos de Jesus e estabelecer com Ele uma polêmica da qual, sendo doutor, sairia triunfante. Esta suposição se deduz da segunda pergunta feita pelo mesmo personagem a Jesus. O fato de este encaminhar a conversa para um ponto muito discutido entre os rabinos deixa claro esse seu intuito.

participavam sentados e, ao surgir uma pergunta, esta deveria ser pronunciada de pé — tudo indica ter-se dado no interior desse ambiente.

O anseio mal-disfarçado desse doutor da Lei de apanhar Jesus em

O objetivo desse doutor da Lei era de pôr à prova os conhecimentos de Jesus e estabelecer com Ele uma polêmica da qual, sendo doutor, sairia triunfante

Até os fariseus se preocupavam com a vida eterna... E hoje?

²⁶ Jesus respondeu-lhe: “O que é que está escrito na Lei? Como lês tu?” ²⁷ Ele respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e o teu próximo como a ti mesmo.”

Em Marcos encontramos idêntica pergunta feita pelo moço rico, à qual Jesus responde com um elenco sintético das virtudes obrigatórias para todos (cf. 10, 17ss). No caso presente, o doutor da Lei não obtém d’Ele senão uma outra interrogação como resposta. O Divino Mestre lhe propicia a prática da virtude da humildade, remetendo-o ao primeiro Mandamento da Lei de Deus, fato desagradável para um teólogo de fama: o ter de retornar ao Catecismo. Esse procedimento de Jesus não poderia ser melhor, pois desse modo facilitava ao seu interlocutor um passo a mais na sua vida espiritual: o verse na contingência de repetir a frase que todo judeu recitava duas vezes ao dia: “*Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças*” (Dt 6, 5). E como não lhe ficaria bem dizer tão pouco, ele resolve acrescentar um complemento para, talvez,

A pergunta do doutor da Lei versava sobre um assunto que todos já conheciam, colocando-se ele, assim, numa situação ridícula

As pessoas se colocavam diante da problemática da salvação eterna: “que devo fazer para possuir a vida eterna?”

fazer assim notar diante dos outros sua erudição: “*Amarás teu próximo como a ti mesmo*” (Lv 15, 18). Com sabedoria comenta este versículo o famoso Maldonado: “*Com admirável prudência, Cristo remete para a Lei aquele doutor que fingia ignorância e pretendia explorar sua doutrina.*”



Costumava assim proceder quando Lhe faziam perguntas capciosas, para atenuar o efeito desagradável de sua resposta. Remetia, pois, para a Lei, e era esta que condenava quem dela se vangloriava” (²).

Se fôssemos nos deter na consideração de cada uma das palavras do Deuteronômio (6, 5) espaço não haveria. Basta-nos saber que o verbo empregado nas versões latinas, não é *amare* mas *diligere*. Este termo diz respeito ao amor sentido que resulta da soma da vontade espiritual e do sentimento.

Apesar do lamentável estado moral e espiritual do povo naquelas circunstâncias históricas, as pessoas se colocavam diante da problemática da salvação eterna: “... *que devo fazer para possuir a vida eterna?*” Muito diferentemente de nossos dias, pois quem hoje se preocupa com seu destino após a morte? Atualmente, o empenho por conservar não só a

saúde, como também a beleza, uma bem sucedida situação financeira, etc., absorve todas as atenções; o nosso futuro após ultrapassarmos as barreiras do tempo é matéria de total desinteresse. Assim, os patrões não zelam pela formação espiritual de seus empregados; os pais, pela de seus filhos; os professores, pela de seus alunos; etc. Rompem com o gravíssimo dever imposto a eles por Deus de serem mestres junto a outros...

São Basílio, atendendo às aspirações dos fiéis de seu tempo, deixou-nos uma belíssima interpretação a respeito do amor a Deus: “*Se alguém nos perguntar como se pode adquirir o amor divino, responderemos que não se aprende este amor.*”

Não aprendemos de outrem a nos alegrarmos com a presença da luz, nem a amar a vida, nem a amar nossos pais ou nossos amigos; nem, muito menos, podemos aprender as regras do amor divino; mas há em nós um sentimento íntimo, o qual tem suas causas intrínsecas e nos predispõe a amar a Deus. E quem obedece a esse sentimento põe em prática a doutrina dos preceitos divinos e atinge a perfeição da divina graça. Amamos naturalmente o bem; amamos também nossos próximos e parentes; ademais, damos espontaneamente aos benfeitores todo o nosso afeto. Se, pois, o Senhor é bom, e todos desejam o bom, aquilo que se aperfeiçoa por nossa vontade reside naturalmente em nós. A Ele, embora não O conheçamos por sua bondade, no simples fato de que d'Ele procedemos, temos obrigação de amá-Lo sobre todas as coisas, como sendo o nosso princípio. É também maior benfeitor do que todos os que se amam naturalmente. Por conseguinte, o primeiro e principal mandamento é o de amar a Deus” (3).

Quem mais próximo do que Jesus?

28 Jesus disse-lhe: “Respondeste bem: faze isso e viverás.” 29 Mas ele, querendo justificar-se, disse a Jesus: “É quem é o meu próximo?”

O pobre doutor da Lei se via numa situação de inferioridade — muito útil, aliás, para a sua vida espiritual — e procurou justificar-se, pois nada pior do que o silêncio diante do público que o circundava. Qualquer bobagem cairia melhor. O próprio Pilatos, em circunstâncias análogas, também optou por perguntar: “O que é a verdade?”

“Finge, pois, o doutor que não está perguntando uma coisa tão vulgar e



Sergio Holmann

Há em nós um sentimento íntimo que nos predispõe a amar a Deus, e quem obedece a esse sentimento atinge a perfeição da divina graça

“Beau Dieu”
Saint Chapelle - Paris

conhecida de todos, mas sim um ponto difícil e discutido entre os mais insígnies doutores (...). Por outro lado, Santo Ambrósio, Teofilato, Eutímio e (segundo São Tomás) São Cirilo opinam que ele propôs formalmente essa questão por pensar que próximos eram só os justos com respeito a ele, que se considerava justo” (4).

Em síntese, o seu desejo de demonstrar ter inteiro cabimento sua primeira pergunta o leva a enunciar esta outra que, nos dias atuais, com facilidade qualquer criança de Cate-

cismo responderia. Entretanto, naquela quadra histórica constituía uma questão inextricável. As origens familiares, as classes sociais, o regionalismo, a nacionalidade, a raça, eram fatores de separações estanques. Não nos esqueçamos de mencionar a terrível discriminação da escravidão, consagrada em todas as legislações da época. Ora, o povo mais afetado por esse espírito de separatismo era o judeu. Basta correr os olhos pelo Talmud para comprovar os extremos a que chegou contra os *goyim*, ou seja, todos os não-judeus. Muito comum era o juízo de que só os do povo eleito eram chamados à salvação eterna. Ademais, baseados no Levítico: “*não guardarás rancor contra os filhos de teu povo*” (Lv 19,18), não concebiam que a amizade pudesse transpor os limites da nacionalidade.

Porém, “*daí não se segue que ele tenha feito a pergunta com sinceridade e desejo de aprender, porque, embora ignorando, estava convencido de que sabia*” (5) e a tal ponto que a Escritura não deixava margem a dúvida de como tratar ao não-judeu: “*Se algum estrangeiro habitar na vossa terra, e morar entre vós, não o impropereis; mas esteja entre vós como um natural; e amai-o como a vós mesmos; porque também vós fostes estrangeiros na terra do Egito*” (Lv 19, 33-34).

Por outro lado, vemos esse doutor numa situação paradoxal: “*Naquele mesmo instante se encontrava um próximo extraordinariamente especial, ou seja, o próprio Deus! Por isso, ao fazer essa pergunta, deixa claro (...) que não conhecia seu próximo, porque não acreditava em Cristo, e quem não conhece Cristo desconhece a Lei; porque, ignorando a verdade, como pode conhecer a Lei que anuncia a verdade?*” (6).

Talvez a isso o tivesse levado seu orgulho pouco ou nada combatido.

“Elogiado pelo Salvador, por ter respondido bem, o doutor da Lei encheu-se de soberba, não acreditando existir alguém que pudesse ser seu próximo, como se não houvesse quem fosse capaz de equiparar-se a ele em justiça. Por isso diz: ‘Mas ele, querendo justificar-se, disse a Jesus: E quem é o meu próximo?’ Assediavam-no, por assim dizer, alternativamente, os vícios: após a falácia com que fizera a pergunta, tentando, cai na arrogância. Ao perguntar: ‘Quem é o meu próximo?’, já se mostra vazio do amor ao próximo e, em consequência, revela-se vazio do amor divino, pois, não amando o irmão a quem vê, não pode amar a Deus a quem não vê” (7).

Os escribas e fariseus — que alimentavam entre si, dia-a-dia, sua indignação contra os gentios, como até mesmo à própria plebe judaica — iriam ouvir do Mestre uma clara e irrefutável lição, cheia de calor, de como se deve tratar o próximo...

III – A PARÁBOLA: QUEM É, AFINAL, O MEU PRÓXIMO?

³⁰ Jesus, retomando a palavra, disse: “Um homem descia de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos ladrões que o despojaram, o espancaram e retiraram-se, deixando-o meio morto.”

Quantas escolas e cursos de didática se multiplicam por todo o orbe! Entretanto, é impossível superar aquela empregada pelo Divino Mestre em sua vida pública. A criação da figura do Bom Samaritano é simplesmente genial. A própria descrição das circunstâncias geográficas nas quais o caso se verifica é de um colorido tão real que por pouco não julgamos tratar-se de um fato histórico.

Jerusalém dista de Jericó, aproximadamente, trinta quilômetros e, entretanto, a diferença de altitude entre uma e outra cidade quase atinge seus mil metros. Ao empreender-

se o caminho partindo de Jerusalém, depois de percorrer uns três quilômetros, chega-se a Betânia, após a qual termina a vegetação e uma região bem rochosa se evidencia por longa extensão. A certa altura, nos dias de hoje, encontra-se uma hospedaria com o nome de “Bom Samaritano”, ao que parece, para fazer jus à parábola. Tudo leva a crer que de fato deve ter sido esse o local descrito pelo Senhor, pois ao longo dos séculos multiplicaram-se ali os as-

Naquele mesmo instante se encontrava um próximo extraordinariamente especial, ou seja, o próprio Deus!

saltos, e não só à noite, mas em plena luz do dia. Ademais, existem ainda, não muito distante desse albergue, as ruínas de uma fortaleza, prova evidente do quanto devia ser perigoso o local.

O Evangelho sempre procura ser sintético, motivo pelo qual muitos aspectos, talvez secundários, de suas narrações não passam para a História. Por isso, não é exagero imaginarmos o quanto os detalhes psicológicos e geográficos foram cuidadosamente elaborados pelo Senhor.

Por esse caminho descia supostamente um judeu, pois, não tendo sido mencionada sua raça, por exclusão só podia tratar-se de um conacional do levita e do sacerdote que o sucederiam após o assalto. Entretanto, como veremos, essa impressão tem sua razão de ser. Das cavernas, ou de trás das rochas, surgem uns assaltantes que despojam o

pobre homem e, certamente por ter ele reagido, aplicam-lhe severos golpes, abandonando-o quase sem vida em meio ao seu próprio sangue, impedido, portanto, de seguir seu curso normal.

Uma vez delineada a dramática situação desse homem e a fuga dos bandidos, a cena se enriquece com três personagens mais: um sacerdote, um levita e o samaritano.

O sacerdote e o levita violam a Lei, por terem o coração endurecido

³¹ Ora aconteceu que descia pelo mesmo caminho um sacerdote que, quando o viu, passou de largo. ³² Igualmente um levita, chegando perto daquele lugar e vendo-o, passou adiante.

A nacionalidade judaica e a respectiva religião eram os mais elevados pressupostos de honra de todo o povo eleito. Ora, aquele ferido possuía essas características essenciais, e vê-se claramente qual foi a intenção do Divino Mestre ao ideá-lo como vítima, pois o sacerdote ao se aproximar apenas o verá e passará adiante. Deduz-se que ele havia terminado seu serviço no Templo e retornava a Jericó onde residiam muitos dos de sua categoria. Não podia ser mais providencial esse encontro fortuito. A Lei determinava como obrigação grave socorrer qualquer acidentado, sobretudo em estado pré-agônico.

Religião, nacionalidade, desamparo, nada moveu aquele duro coração de um ministro de Deus chamado ao heroísmo da caridade. Não é difícil imaginarmos os raciocínios que provavelmente elaborou a partir de então e ao longo do caminho, para tranquilizar sua atormentada consciência: “É um homem qualquer! Um desconhecido, sem títulos. É melhor nem me deter, para não rebaixar minha condição”. Eram as razões ditadas pelo orgulho mal-com-

batido, e não tão raro, naqueles que tinham por vocação a missão de extirpar esse mesmo vício nos outros e em si próprios. Ademais, se a humildade fosse sua companheira, nada lhe custaria, ainda que por puras palavras, procurar confortar aquele pobre hebreu. Um pequeno desvio, sem muito deter-se, foi todo o seu esforço. “*Assueta vilescunt*”, diz-se em latim; ele estava calcinado por uma rotina entibiada de suas funções litúrgicas no Templo, como também intoxicado pela hipocrisia dos escribas e fariseus.

Não lhe devia ser estranho um certo cálculo dos gastos a serem efetuados, caso ele se propusesse socorrer aquela vítima roubada, despojada e ensangüentada. Nem sequer poderia contar com uma recompensa e, menos ainda, com a recuperação do dinheiro empregado. Nada poderia esperar em retribuição aquele ministro pela perda de tempo, incomodidade, prejuízo, etc. Manifestou-se robusto seu caráter interessado de um vil pragmatismo diante daquele drama.

No extremo oposto da bondade, encontramos ao longo da História corações duros, cruéis e difíceis de se deixarem enternecer pelos necessitados. Nada os move à compaixão. Ali “por acaso, descia” um exemplo vivo dessa empedernida insensibilidade.

Aquela cena, entrecortada por gemidos que imploravam socorro e misericórdia, mais inspirava repulsa e náusea do que pena, naquele coração pervadido de amor próprio.

Porém, a Lei era explicitamente contrária aos seus sentimentos de egoísmo (cf. Ex 23, 5), e ele não podia ter abandonado seu irmão, sobretudo naquelas circunstâncias.

As mesmas considerações serviriam para caracterizar a atitude idêntica do levita que, logo a seguir, também passou por ali. Ambos provavelmente haviam deixado o Templo após o término de seu expedien-

te e desciam para Jericó, cidade que abrigava a metade dos servidores religiosos.

Misericórdia do samaritano

³³ Um samaritano, porém, que ia de viagem, chegou perto dele e, quando o viu, encheu-se de compaixão. ³⁴ Aproximou-se dele, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho; e, pondo-o sobre o seu jumento, levou-o a uma estalagem e cuidou dele. ³⁵ No dia seguinte tirou dois denários, deu-os ao estalajadeiro e disse-lhe: “Cuida dele; quanto gastares a mais, eu to pagarei quando voltar”.

Bem diferente foi a reação do samaritano. Sem levar em conta o ódio

**Nada moveu
aquele duro
coração de um
ministro de Deus,
chamado ao
heroísmo da
caridade. Bem
diferente foi a
reação do
samaritano**

racial que violentamente os separava, apesar de se tratar de um inimigo seu, sua religiosa incompatibilidade se transformou, no mesmo instante, em comiseração. O Evangelho recolle os maravilhosos detalhes da divina parábola elaborada por Jesus para o doutor da Lei: o samaritano se manifesta um herói da caridade desde o descer de sua montaria, aplicando in loco todos os cuidados cabíveis na-

queles tempos, conduzindo a vítima a uma pousada, até o contrair uma dívida com o estalajadeiro, a fim de que este dispensasse todos os cuidados ao pobre judeu. Percebe-se, pelo contrato proposto e aceito, ser ele um mercador de confiança e muito estimado pelo dono da estalagem.

³⁶ Qual destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões?

³⁷ Ele respondeu: “O que usou de misericórdia com ele.” Então Jesus disse-lhe: “Vai e faz tu o mesmo.”

Novamente, Jesus responde ao doutor da Lei com outra pergunta, parecendo à primeira vista deseioso de desviar-se um tanto da substância da temática proposta pelo consulente. Esse aparente desvio da questão, intencionalmente levado a cabo pelo Divino Mestre, é uma quimera que atrai a atenção da maioria dos comentaristas, dando-lhes ocasião para levantar as mais variadas hipóteses. Trazemos à tona a mais sábia e lúcida delas:

“No meu entender, Cristo pretende demonstrar de modo geral que todo homem é nosso próximo; mas o faz de modo adaptado àquele doutor com quem estava tratando. Pensava este que só os justos, ou só os amigos, ou ao menos só os judeus, eram seus próximos. E das próprias palavras da Lei teve ocasião de errar, porque no hebraico próximo significa o mesmo que amigo e companheiro. Quis, pois, Cristo tirá-lo desse erro e obrigá-lo a reconhecer e confessar que próximo não era só o judeu para o judeu, mas também o samaritano para o judeu, isto é, o inimigo para o inimigo. E se o próprio inimigo era próximo para o inimigo, todo homem deve se considerar próximo em relação ao outro. Demonstrou isso com a melhor e mais eficaz argumentação, ou seja, pelo efeito, fazendo ver que o inimigo tinha sido próximo para o inimigo, isto é, o samaritano para o judeu, pois fez o que é ca-

racterístico do próximo, que é ajudar. Por isso Cristo propôs a parábola com o exemplo de um samaritano” (8).

No mesmo sentido, opina um conhecido comentarista moderno:

“A pergunta de Cristo foi feita com intenção especial. Perguntou-Lhe o doutor da Lei quem era o ‘próximo’ para ele. E Cristo [por sua vez], perguntou: Quem agiu como ‘próximo’? Desse modo, com um exemplo prático, fez ver que cada homem é ‘próximo’ para todos os homens. Motivo pelo qual deve estar ‘próximo’ a ele em todas as suas necessidades. É o paradoxo oriental servindo de máxima pedagogia. Tal foi a lição magisterial de Cristo” (9).

Tem toda razão Maldonado ao expressar essa análise, pois não era tão explícito para um judeu o conceito de próximo, por várias razões. Por sua história e por sua lei, antes de tudo. Sempre que os judeus se misturavam com outros povos, acabavam caindo na idolatria. Por outro lado, basta considerar o quanto a Terra Prometida se localizava entre mar, desertos e montanhas, separando o povo judeu, geograficamente, dos demais. Daí ser muito restrito para eles o verdadeiro significado de “próximo”. E entre si julgavam-se irmãos, mas, com os outros, viviam numa antipatia instintiva levada, não raras vezes, até ao ódio.



François Bouley

A parábola do Bom Samaritano constitui um exemplo efetivo e afetivo de amor a Deus, sem o qual não existe Religião, e de amor ao próximo, sem o qual não há amor a Deus

Vitral do Bom Samaritano
Igreja de São Patricio - Nova Orleans (EUA)

Por cima dessas circunstâncias, o povo judeu possuía uma missão universal. A ele havia sido confiado o tesouro espiritual do qual deveria ser alimentada toda a humanidade.

Assim se explica essa belíssima parábola composta pelo Divino Mestre, que foge um tanto da morfologia das outras, nas quais o simbolismo se espraia por todos os substantivos e adjetivos. Ela constitui um exemplo efetivo e afetivo de amor a Deus, sem o qual não existe Religião, e de amor ao próximo, sem o qual não há amor a Deus.

Quem diz amar a Deus, mas não ama seu próximo, além de mentir,

desobedece à Lei divina e se esquece de seu Preciosíssimo Sangue derramado no Calvário.

Esse amor deve ser universal e não podemos nos apoiar em pretextos, aparentemente legítimos, para não praticá-lo, como o fizeram o sacerdote e o levita da parábola. Eles certamente estavam encarregados de missões boas e delas retornavam para suas casas, entretanto, procederam mal com o necessitado.

Não poucos autores aplicam a parábola ao próprio Jesus Cristo, com muita piedade. Não será de mau gosto fazermos uma aplicação a nós, perguntando-nos quais têm sido, em geral, nossas atitudes e reações face aos necessitados de qualquer espécie. ✨

1) Apud São Tomás de Aquino, *Catena Aurea*.

2) Pe. Juan de Maldonado SJ, *Comentarios a los Cuatro Evangelios*, BAC, Madrid, 1951, p. 545.

3) Apud São Tomás de Aquino, *Catena Aurea*.

4) Pe. Juan de Maldonado SJ, *op. cit.*, p. 546.

5) Id., *ibid.*

6) Santo Ambrósio, *op. cit.* – *ibid.*

7) São Cirilo, *op. cit.* – *ibid.*

8) Pe. Juan de Maldonado SJ, *op. cit.*, pág. 548.

9) Pe. Manuel de Tuya OP, *Biblia Comentada*, BAC, 1964, p. 839.



Fotos: Victor Tornello / GUSTO e Krai

Encontro de Bento XVI com os movimentos eclesiais, na vigília de Pentecostes de 2006

Os movimentos leigos e a Grande Missão Continental

A Grande Missão Continental convocada pelo CELAM exige que todas as forças da Igreja se mobilizem, que os fiéis e movimentos leigos se unam ainda mais aos seus pastores e não meçam esforços para responder ao apelo de Cristo.



José Antonio Dominguez

João é um jovem extremamente alegre e jovial. Nos fins de semana, vemo-lo liderar um grupo de moços que, após o jantar, percorrem as ruas da cidade, cantando e fazendo uma algazarra pouco condizente com a tranqüilidade da noite e a paca-

tez do burgo. Alguns vizinhos sentem-se incomodados, protestam até junto a seus pais. Mas a juventude necessita expandir sua alegria, e o faz às vezes de forma demasiado ruidosa e até um pouco extravagante. O pai de João, um rico comerciante de tecidos, compreende esse aspecto da situação e é

complacente com as estripulias de seu filho. Afinal, sente, no fundo, um discreto orgulho pelo fato de ser ele o líder da juventude do lugar. E por isso, apesar de ser ávido por dinheiro, tolera as despesas, um tanto largas, que o filho faz com seus amigos e seu apreço por roupas vistosas e luxuosas. Ade-



mais, o rapaz é o seu braço direito na empresa, e acaba sendo mais vantajoso fechar os olhos para uns gastos que, no montante geral dos negócios, não passam de uma ínfima parte...

João nasceu quando seu pai estava de viagem, pela França, para estabelecer relações com seus parceiros comerciais. Inteiramente absorvidos pela atividade empresarial, pai e mãe não deram grande importância à educação humana e cultural do filho. E assim que a idade o permitiu, João deixou os estudos e passou a auxiliar o pai, na empresa.

Súbita mudança do destino

O jovem João tinha tudo para ser feliz. Uma família muito unida, amigos para todas as horas, negócios prósperos e muito prestígio na cidade. Tudo lhe sorria, até que um dia a asa negra da tragédia raspou nele... Viu-se acometido por uma grave doença que o prostrou na cama por longo tempo. Longe das agitadas exterioridades nas quais sempre vivera, ele passou por um extenso período de isolamento, o qual, no entanto, foi aproveitado pela Providência como ocasião de profundas reflexões. Quando se levantou, para iniciar uma prolongada convalescença, já não era a mesma pessoa. Tudo quanto fazia antes a alegria de sua vida deixou de ter para ele sabor: nem os negócios do pai, nem os amigos, nem a boa mesa que tanto apreciava, nem o luxo no vestir, nada disso o atraía. Dir-se-ia que a adversidade havia mudado o seu modo de ser. Porém, em sua alma nascia o desejo intenso e jubiloso de imitar Nosso Senhor Jesus Cristo, sobretudo na pobreza e no amor aos menos favorecidos. Decidiu então abandonar tudo — empresa, família, amigos e prazeres — para seguir a Cristo e se dedicar aos pobres, sendo pobre como eles.

Conversão e incompreensões

Inicialmente, não encontrou quem o acompanhasse e teve de suportar muitas incompreensões, tanto de sua família como de seus coetâneos. Mas

aos poucos o exemplo da autenticidade de sua vida de desprendimento foi arastando alguns companheiros. E, embora leigos, começaram a dedicar-se à evangelização da sociedade. Seu modo de vestir, extremamente pobre — uma simples túnica, sem nenhum adorno ou insígnia —, causava estranheza, e por isso eram rejeitados e ridicularizados em muitas cidades. Em certo momento, João decidiu ir a Roma, acompanhado desse pequeno grupo inicial de discípulos, para expor ao Papa suas intenções e obter a aprovação pontifícia. E graças à influência de um Cardinal amigo, João conseguiu ser recebido em audiência pelo Santo Padre, o qual acabou reconhecendo sua obra.

Fundação de uma obra providencial

Nascia assim um novo movimento eclesial que logo se espalharia por toda a Igreja. Inicialmente formado só por leigos, logo se lhe juntaram numerosos clérigos, constituindo-se em pouco tempo um dos mais numerosos e atuantes movimentos da Igreja, ao qual não faltou um amplo ramo de terciários que, vivendo no mundo, procuravam seguir a espiritualidade e o carisma do Fundador.

Esta história do nascimento de um novo movimento eclesial é inteiramente verídica, em seus traços gerais. Se ela se tivesse passado em nossa época, em qualquer país do Ocidente, ninguém estranharia, mas na realidade os fatos acima narrados são bem mais antigos: tudo isto aconteceu há cerca de 800 anos, na Itália.

João nada mais é do que o nome de Batismo daquele que passou para a História como o “Poverello de Assis”, São Francisco. *François* é o nome dado por seu pai ao voltar da viagem à França, talvez como homenagem à sua esposa, que era desse país.

Secularização da sociedade e perda de fiéis

Em sua época, a Igreja — depois de um período de apogeu e crescente

influência na sociedade — enfrentava um grave desafio, pois a Europa tivera um rápido progresso material e cultural, acompanhado de um apreço excessivo às riquezas e ao fausto, trazendo um conseqüente esfriamento da vida religiosa. Sem falar das doutrinas heterodoxas que se espalhavam pelo Velho Continente e abalavam a fé dos fiéis.

O Espírito Santo suscitou então um novo movimento eclesial para levantar uma barreira ao desejo desenfreado de luxo e de gozo da vida. Secularização da sociedade, diríamos atualmente. Pois, para atender as necessidades de cada época, Deus nunca deixa de suscitar novos carismas como solução providencial.

Os discípulos de Francisco de Assis percorriam as cidades evangelizando o povo, usando a única mídia disponível na época: a pregação em praça pública. E conseguiram reavivar o fervor religioso dos fiéis. A tal ponto que rapidamente se constituiu um movimento laical, a Ordem Terceira Franciscana, formada por leigos que na sociedade temporal faziam brilhar o carisma de São Francisco.

O monaquismo do Oriente: um dos mais antigos movimentos laicais

Os franciscanos não foram os únicos originados de um movimento leigo. Não poucas ordens religiosas nasceram, no passado, de forma análoga a tantos movimentos eclesiais do presente. Quase se poderia dizer que esses movimentos são uma novidade já antiga, na Igreja, como tão poeticamente está escrito no Eclesiastes: “*O que foi é o que será: o que acontece é o que há de acontecer. Não há nada de novo debaixo do sol. Se é encontrada alguma coisa da qual se diz: ‘Veja: isto é novo’, ela já existia nos tempos passados*” (Ecl 1, 9-10).

O monaquismo dos primeiros séculos, no Oriente, por exemplo, nasceu também por iniciativa de leigos. O primeiro monge do deserto de que



“Nos movimentos eclesiais podemos ver os sinais da multiforme presença e ação santificadora do Espírito Santo na Igreja e na sociedade atual”, afirmou o Papa

Sessão inaugural da V Conferência Geral do CELAM - Santuário de Aparecida (Brasil)

não lhes faltassem os sacramentos.

A reação do Espírito Santo aos males da sociedade moderna

O nascimento do monaquismo não deixa de ter certa semelhança com o surgimento dos Movimen-

tos Eclesiais de nossos dias. Não se trata já de fugir às perseguições dos romanos, mas de fazer frente à secularização da sociedade moderna, cujos efeitos não são menos nefastos que os das perseguições cruentas. Quantos cristãos, iludidos pelo fascínio do consumismo, deixam esfriar a Fé e são tentados pelo ateísmo prático? Continuam a acreditar em Deus, mas vivem de costas para Ele.

Para reagir a essa crescente secularização, leigos em número cada vez maior se associam com o objetivo de viver mais intensamente a mensagem do Evangelho e, ao mesmo tempo, influenciar o mundo moderno com seu exemplo de vida e sua atuação apostólica.

O Concílio Vaticano II discerniu esse sopro do Espírito e abriu amplamente as portas da Igreja a essas novas realidades, as quais têm conhecido um desenvolvimento notável. Em 1998, por ocasião do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais, o Papa João Paulo II fez referência a cerca de 50 instituições ali represen-

tadas. Hoje, existem 122 movimentos de leigos, com aprovação pontifícia, registrados no Repertório de Associações Internacionais de Fiéis, do Pontifício Conselho para os Leigos.

João Paulo II: “uma resposta providencial”

Os últimos Papas incentivaram o desenvolvimento dos movimentos eclesiais, especialmente o servo de Deus João Paulo II, que ressaltou a sua providencialidade: *“No nosso mundo, com freqüência dominado por uma cultura secularizada que fomenta e difunde modelos de vida sem Deus, a fé de muitos é posta à dura prova e, não raro, é sufocada e extinta. Percebe-se, então, com urgência a necessidade de um anúncio forte e de uma sólida e aprofundada formação cristã. Como é grande, hoje, a necessidade de personalidades cristãs amadurecidas, conscientes da própria identidade batismal, da própria vocação e missão na Igreja e no mundo! E eis, então, os Movimentos e as novas Comunidades Eclesiais: eles são a resposta, suscitada pelo Espírito Santo, a este dramático desafio do final de milênio. Vós sois esta resposta providencial”* (Discurso aos participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais, 30/05/1998).

Bento XVI: “Sinal luminoso da beleza de Cristo e da Igreja”

A exemplo de seu antecessor, também o Papa Bento XVI, com eloqüentes e estimulantes palavras, chamou os leigos a lançarem-se no apostolado, em sua mensagem ao II Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades:

“Os Movimentos Eclesiais e as novas Comunidades são hoje sinal luminoso da beleza de Cristo e da Igreja, sua esposa. Vós pertenceis à estrutura viva da Igreja, ela agradece-vos pelo vosso compromisso missionário, pela ação formativa que desempenhais de modo crescente sobre as famílias cristãs, para a promoção das vocações ao sacerdócio ministerial e à vida consa-

se tem notícia é São Paulo eremita, no Egito. Pertencente a uma família abastada, durante a perseguição de Décio fugiu para o deserto com medo de ser denunciado como cristão e de não ter forças para suportar os terríveis sofrimentos a que seria submetido pelos juizes do Império Romano. E para escapar do martírio do sangue, se entregou ao da solidão, no deserto. Muitos lhe seguiram o exemplo, não só para fugir às cruéis perseguições dos Décios, como também às não menos perigosas seduções do mundo pagão. E assim os desertos do Egito se povoaram de monges solitários. São Pacômio foi o primeiro a reunir um grupo de monges sob uma regra, para se auxiliarem mutuamente, evitando os inconvenientes da vida solitária. Chegou a agrupar cerca de sete mil discípulos, havendo mosteiros com mais de mil monges. Só quando o movimento eclesial do monaquismo passou para o Ocidente é que São Martinho de Tours introduziu a inovação de incluir clérigos entre os monges, para que

grada que desenvolveis no vosso âmbito. Agradece-vos também pela disponibilidade que demonstrais ao receber as indicações operativas não só do Sucessor de Pedro, mas também dos Bispos das diversas Igrejas locais, que são, juntamente com o Papa, guardas da verdade e da caridade na unidade. Confio na vossa obediência imediata. (...) Ampare-vos a participação na oração da Igreja, cuja liturgia é a mais alta expressão da beleza da glória de Deus, e constitui de certa forma um aproximar-se do Céu à terra. Confio-vos à intercessão d'Aquela que invocamos como a Tota pulchra, a 'Toda bela', um ideal de beleza que os artistas sempre procuraram reproduzir nas suas obras, a 'Mulher vestida de sol' (Ap 12, 1) na qual a beleza humana se encontra com a beleza de Deus."

A resposta de Deus para nossos dias

Em cada época histórica a Igreja soube responder às necessidades espirituais de seus contemporâneos. Pela penitência, São Francisco e os franciscanos combateram a vida de pecado que afetava a sociedade de seu tempo; pela pregação, São Domingos e os seus venceram os movimentos heréticos; Santo Inácio e os jesuítas frearam o avanço do protestantismo. Hoje o desafio da Igreja é combater a indiferença religiosa.

Tal preocupação esteve patente na V Conferência Geral do CELAM, para a qual foram convocados representantes de cinco movimentos eclesiais: Dom Filippo Santoro, Comunhão e Libertação; Pe. José Maria Folqué, Neocatecumenal; Luis Jensen y Sra., Família de Shöenstat; Luis

Fernando Figari, Sodalício de Vida Cristã; Moysés Azevedo, Shalom.

Ali foi lançado um ousado plano pastoral: "A Grande Missão Continental", convocando todos os batizados a serem missionários, indo à busca dos católicos afastados e dos que pouco conhecem Jesus Cristo.

Não será essa uma resposta suscitada pelo Espírito Santo para confrontar os desafios de nossos dias?

A resposta, sem dúvida, é afirmativa. E para isso é preciso que todas as forças da Igreja se mobilizem, que os fiéis e movimentos leigos se unam ainda mais aos seus pastores e não meçam esforços para responder ao apelo de Cristo. Desta forma, a sociedade moderna latino-americana retomará com força as vias da transcendência e da esperança no Reino de Deus. ✧



Para a V Conferência Geral do CELAM, realizada em maio no Santuário de Aparecida, foram convocados representantes de cinco movimentos eclesiais

Santa Missa de inauguração da V Conferência Geral do CELAM - Santuário de Aparecida (Brasil)

A rainha da bondade e da paz

Mãe e rainha, bondosa e decidida, corajosa e pacificadora, foi amada com paixão por seus súditos. Seu segredo: o amor a Jesus crucificado acima de todas as coisas.



Carmela Werner Ferreira

Quem alguma vez teve a aprazível oportunidade de visitar Coimbra, certamente terá admirado suas numerosas maravilhas: desde o precioso jazigo de Dom Afonso Henriques, fundador do Reino de Portugal, até os variados e belos parques que adornam a cidade. Brilha ainda a histórica Universidade que, através de suas sólidas raízes e requintados frutos, é a instituição que representa a maior expressão da Língua Portuguesa.

Contudo, quem vem de longe não deixa de notar o sincero carinho dos habitantes por sua insigne padroeira, a Rainha Santa Isabel: o anjo de bondade e de paz que o Senhor mandou para Portugal.

Curiosamente, Santa Isabel não é portuguesa de nascença. Quis a mão da Providência colhê-la no solo aragonês, onde veio ao mundo no longínquo ano de 1271. Precedeu-a em nobreza e santidade sua tia-avó, Santa Isabel da Hungria, de quem herdou, além do nome, os mais excelentes predicados. A pequena filha de

Pedro III de Aragão e de Constança da Sicília foi, a exemplo de sua tia, grande seguidora de São Francisco de Assis e uma alma toda voltada para os pobres e necessitados.

Pacificou ânimos e guerras desde o berço até a hora da morte, e não houve, entre o primeiro nobre e o último, doente quem se furtasse à sua tão benéfica influência. Todos saíam de sua presença dispostos a reconciliar-se com Deus e a perdoar o próximo.

Uma menina que dulcificava os corações

Quando nasceu Santa Isabel, havia uma briga entre seu pai e seu avô, Jaime I, o Conquistador. Há tempo não se falavam, porque esse rei de Aragão não aprovava o casamento de seu filho Pedro com Dona Constança. Apenas nasceu a santa menina, foram-se apagando as desavenças domésticas e houve grande harmonia naquela casa real.

O destemido avô não ocultava sua grande predileção por essa criança e fez questão de que ela fosse educada em seu palácio, para poder gozar de

sua companhia. A razão mais profunda pela qual não queria separar-se dela era o sensível influxo de bênçãos e a suavidade que emanavam de sua pessoa. Num ambiente carregado de tensões e pesados encargos, aquele precioso tesouro dulcificava os corações. Após o falecimento de Jaime I, a infanta permaneceu ainda alguns anos com seus pais. Muito em breve ela se tornaria rainha de Portugal.

Na corte de Portugal

Em 1282 partiu para as terras lusas, a fim de contrair matrimônio com Dom Dinis, que acabava de subir ao trono. Nunca se tinha visto ali uma soberana de tamanha modéstia e amabilidade. Seu recolhimento e união com Deus não tardaram a cativar o povo, o qual logo retribuiu o amor de que estava sendo objeto. Para aumentar a confiança de todos na jovem soberana, concorreu a paz que ela obteve, logo ao chegar, entre Dom Dinis e seu irmão que lhe disputava a coroa.

Sua vida na corte foi uma constante busca do sobrenatural. Sem omitir



Santa Isabel de Portugal, por Francisco de Zurbarán
Museu do Prado, Madri

nenhuma das obrigações impostas pela sua condição de rainha, o seu coração não se prendeu a esta terra. Estava presente em todas as festividades do reino e sinceramente se regozijava com o povo; cingia a coroa e trajava os mais ricos vestidos para, ao lado do rei, receber as autoridades ilustres que vinham honrá-la e colocar-se a seu serviço. Entretanto, nem por isso envaideceu-se e desejou aquelas glórias para si. Julgava-se pecadora e teria preferido mil vezes ser pobre a possuir todos os tesouros reais.

Precursora da devoção à Imaculada

A oração e a vida de piedade exerceram papel primordial em sua existência, e foram a causa de todas as conquistas pelo bem do reino e das almas que ela obteve. Toda manhã assistia à Santa Missa em seu oratório com o espírito absorto em santas considerações. Desde os oito anos de

idade recitava o Ofício Divino, e acrescentou depois a recitação diária dos salmos penitenciais e outras devoções em honra dos Santos e de Nossa Senhora.

Sua devoção a Maria Santíssima foi terna e fecunda, legando à posteridade um traço indelével para a espiritualidade luso-brasileira: o patrocínio da Imaculada Conceição. De fato, foi Santa Isabel quem A escolheu como padroeira de Portugal e fez com que se celebrasse por primeira vez a sua festa, em 8 de dezembro de 1320, quando os raios das disputas teológicas em favor da Conceição Imaculada de

Maria espargiam seus primeiros fulgores.

Sofrimentos de esposa e rainha

Assim amparada pelas forças divinas, ela preparou-se para as grandes cruces e dissabores que a aguardavam. Após o nascimento de seus dois filhos, Constança e Afonso, a Rainha Santa suportou heroicamente a vida dissoluta que Dom Dinis passou a levar. Sem murmurar ou impacientarse, ela muito rezou e fez penitência pela conversão do soberano.

Assistiu ainda com maior sofrimento às inimizades entre governantes cristãos seus parentes, que por ambição disputavam entre si terras e honrarias e, em consequência de suas pretensões, causavam derramamento de sangue.

Corajosamente, Santa Isabel ergueu-se em toda a sua estatura e impediu uma grande quantidade de combates que estavam a ponto de es-

talar. Dom Dinis e Dom Afonso — irmão do rei — estavam em pé de guerra pela coroa de Portugal. O mesmo rei seu esposo tinha com o monarca de Castela, Sancho IX, sérias contendas em torno das fronteiras entre os reinos. Anos mais tarde, Dom Fernando IV de Castela — seu genro — e Dom Jaime II de Aragão — seu irmão — nutriam mutuamente uma feroz inimizade que caminhava para um terrível enfrentamento. Seu irmão, Frederico da Sicília, e Roberto de Nápoles guerreavam violentamente por razões políticas...

Quantas lágrimas este quadro desolador custou a seu reto coração! Erguendo constantes preces a Deus e implorando a cada um desses soberanos que ouvisse a voz da justiça, ela saiu vitoriosa em todas as desavenças nas quais interveio. A Rainha Santa provou que a paz não se deve tanto a tratados e a considerações de caráter econômico, quanto a almas santas que aplaquem a ira e o ódio por meio da mansidão e da clemência.

Coragem e intrepidez de mãe

A mais pungente atuação de Santa Isabel, a que lhe custou mais sofrimentos e angústias, foi a de enfrentar a rebeldia de seu filho contra o rei. Desejoso de mandar logo no reino e julgando que a coroa tardava muito, o invejoso herdeiro quis proclamarse rei e declarou guerra a Dom Dinis. Desprezando todos os bons exemplos que sua mãe sempre lhe dera, organizou um exército e defrontou-se contra o autor de seus dias.

De um lado, o rei marcha diante de seus homens, disposto a tudo para manter o cargo que lhe cabe por direito. De outro, o filho insolente o enfrenta e despreza o mandato divino que obriga a honrar pai e mãe. No momento em que o silêncio nos dois campos inimigos indica o início da batalha, surge a figura intrépida da rainha: em sua veloz montaria, ela rasga a arena da discórdia e se interpõe entre as criaturas que mais ama

neste mundo, para implorar o perdão e a paz.

Seu olhar, sempre carregado de doçura, volta-se desta vez severo e penetrante para o filho ambicioso: “Como te atreves a proceder deste modo? Pesa-te tanto assim a obediência que deves a teu pai e senhor? Que podes tu esperar do povo no dia em que te caiba governar o reino, se estás a legitimar a traição com este mau exemplo? Enfim... se de nada te servem os meus conselhos e carinho de mãe, teme ao menos a ira de Deus, que justamente castiga os escândalos!”

Seria possível resistir a este apelo materno, feito diante de milhares de súditos? Arrependido e cheio de confusão, o filho ajoelha-se sem replicar, pede perdão ao rei e jura-lhe fidelidade. Mais uma vez a Rainha Santa afasta as negras nuvens do horizonte e faz brilhar, para gáudio de todos, o arco-íris da bonança.

A caridade e o amor aos pobres

A par de seu espírito pacificador, foi na prática da caridade e no amor aos pobres que o seu amor a Deus se projetou inteiramente. Tanto se dedicou aos fracos, cuidou dos enfermos, fundou hospitais e protegeu toda categoria de desvalidos, que não é possível encontrar explicação humana para a fecundidade assombrosa de suas iniciativas.

Quando a querida rainha saía no paço, uma multidão de infelizes a seguia, pedindo socorro, e nunca algum deles se retirava sem ser generosamente atendido. Gostava de cuidar pessoalmente dos leprosos mais repugnantes, tratar-lhes as chagas e lavar-lhes as roupas; encaminhava para uma vida digna os órfãos e as viúvas e até na hora da morte não abandonava os infelizes, para os quais providenciava uma sepultura digna e mandava celebrar Missas em sufrágio de suas almas. Como corolário de sua fé inabalável, não poucos eram os doentes que saíam de sua presença inteiramente curados.



Timothy Ring

Foi Santa Isabel quem escolheu a Imaculada Conceição como padroeira de Portugal

Imagem da Imaculada Conceição que se venera no Santuário do Sameiro - Braga (Portugal)

Morre como terciária franciscana

Ao morrer Dom Dinis, em 1325, Santa Isabel contava 54 anos de idade, e ainda viveu mais onze. Nesse período abraçou a Ordem Terceira de São Francisco e abandonou as pompas da corte, a fim de viver exclusivamente para a oração e a caridade. Sua virtude heróica e a doação de si mesma atingiram o máximo esplendor; ela estava pronta para reinar no Céu.

No dia 4 de julho de 1336, enquanto intermediava uma ação de paz

em Estremoz, veio Maria Santíssima buscá-la para a pátria definitiva, onde gozaria da glória eterna. Enquanto todos choravam a perda insuperável, ela se rejubilava por estar na iminência da posse definitiva do Deus a quem tão bem servira. Suas últimas palavras foram: “*Maria, Mãe da graça, Mãe de misericórdia, protegenos do inimigo e recebe-nos à hora da morte*”. Era desejo seu ser enterrada em Coimbra, no convento de Santa Clara, fundado por ela.

Sua memória rapidamente ultrapassou as fronteiras do reino, e em todo o orbe cristão era conhecida aquela soberana que foi o mais belo ornato do glorioso Portugal.

Uma canonização singular

O modo singular como Santa Isabel foi canonizada bem serve para mostrar o quanto, sendo a vontade Deus glorificar algum de seus filhos ilustres, nenhum obstáculo humano é capaz de impedi-Lo.

Inumeráveis foram os milagres obtidos junto a seu corpo, que permanecia surpreendentemente incorrupto e exalava um bálsamo odorífico. Em Portugal e na Espanha os devotos ansiavam por vê-la nos altares e dedicar igrejas em sua honra. Os soberanos que dela descendiam insistiam junto às autoridades eclesásticas para acelerarem o processo.

Nos primórdios do séc. XVII, a canonização era o termo final de uma série de autorizações concedidas pela Santa Sé para a veneração dos santos. Sendo assim, era comum que apenas em algumas dioceses ou regiões se pudesse celebrar um bem-aventurado, mas saindo daquela jurisdição o culto já não fosse oficial. Esse sistema, somado a uma série de numerosas canonizações naquele período, acabou levando o Papa Urbano VIII a instituir um sistema minucioso e cauto para a admissão de novos bem-aventurados no rol dos santos.

Neste intuito reformador, apenas subiu ao sólio pontifício e logo decla-

rou que não haveria de canonizar nenhum santo! E justo agora que tudo propiciava a glorificação definitiva da querida Rainha Isabel... Que fizeram os devotos agradecidos? Encomendaram aos céus o filial intento, e obtiveram pela oração o que pelos meios humanos não conseguiram.

Após ter enviado várias cartas reforçando o pedido, e também um representante que muito insistiu junto a Urbano VIII, tudo o que o soberano então reinante, Filipe IV, conseguiu foi que o Papa, por educação e cortesia, aceitasse uma imagem da veneranda rainha.

Entretanto, pairava um desígnio superior sobre o intrincado caso. Tendo o Papa caído gravemente enfermo, com febres malignas e já quase sem esperança de vida, lembrou-se da rainha de Portugal. Tanto se falava de seu amor pelos doentes, de seu

incansável zelo por curar-lhes o corpo e a alma... Encomendou-se a ela o Papa também, esquecendo-se de sua prudente reserva para com os justos de Deus.

Eis que no dia seguinte amanheceu bom, sem nenhum risco de vida! Tão comovido ficou por ver a bondade de sua protetora que mudou seu parecer. Canonizaria, por uma especial exceção, a rainha de Portugal; e o faria com o “coração grande”, alistando-se ele também nas fileiras de seus devotos. Assim se explica a magnífica cerimônia que teve lugar na Basílica de São Pedro, em 25 de maio de 1625. Nem antes nem depois, nos 21 anos de seu pontificado, Urbano VIII canonizou qualquer outro santo!

* * *

Como é eloqüente o exemplo que nos deu a bondosa rainha Santa Isa-

bel, a qual se abriu sem reservas para a mensagem do Evangelho e compreendeu que o tempo é breve e a figura deste mundo passa! Enfrentando as amargas conseqüências do vício e da vanglória que a rodeavam, ela manteve a integridade de quem não se entregou ao pecado e correspondeu com alegria aos desígnios divinos.

Em Coimbra se conserva um precioso manuscrito com estas belas palavras a seu respeito: *“A Cruz e os espinhos do meu Senhor são o meu cetro e a minha coroa”*. Eis o segredo de todos os maravilhosos frutos que ela colheu ao longo de sua vida: o amor a Jesus crucificado acima de todas as coisas. Sigamos seu rastro luminoso de quem só almeja os bens do alto, e obteremos também o inestimável dom da paz para nossos dias. ✧



Gustavo Kraji

Santa Isabel evita que o príncipe rebelde, seu filho, inicie uma batalha contra o próprio pai, seu esposo

“Santa Isabel apazigua seu filho”, Igreja da Ordem Terceira Franciscana - Salvador (Brasil)



Cardeal Franc Rodé visita os Arautos do Evangelho

“Tudo o que aqui surgiu tem todas as aparências de um milagre. E este milagre nasce de corações cheios de amor de Deus, e cheios de fé.”



Pe. Edwaldo Marques

Nas Sagradas Escrituras, as ocasiões de grandes favores divinos eram não raro precedidas por mensageiros extraordinários. Três anjos visitaram Abraão no deserto, comunicando-lhe que sua esposa Sara conceberia um filho. Séculos mais tarde, o grande profeta Samuel foi até a pequena Belém para ungir o futuro rei

David, e por fim, na aurora do Novo Testamento, o próprio Arcanjo Gabriel desce à terra e anuncia a Maria Santíssima a maternidade do Messias.

Não deixa de ter analogia com os mencionados episódios bíblicos a visita do Eminentíssimo Cardeal Franc Rodé — Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica — aos Arautos do Evangelho, no mês de maio.

Pois, sem dúvida, o ilustre visitante esteve, à semelhança daqueles benditos episódios, associado às abundantes graças derramadas sobre a instituição nesses dias.

Cerimônia de ordenação na igreja do seminário

A primeira dessas graças foi a inauguração da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no Seminário dos



Parte dos numerosos sacerdotes presentes



O cortejo de entrada, presidido pelo cardeal Franc Rodé



O Pe. João Clá Dias cumprimenta o Cardeal Franc Rodé



Os bispos que honraram a cerimônia com sua presença

Foto: Jégo Rodrigues, H. Steynwalds, Gustavo Kraji e Victor Toniolo



Embora ainda não finalizada, a igreja Nossa Senhora do Rosário proporcionou um ambiente belo e mesmo grandioso. Na foto principal, apresentam-se os diáconos que serão ordenados presbíteros.



Um magnífico princípio

Há dois anos atrás, no dia 15 de junho de 2005, na Basílica de Nossa Senhora do Carmo, em São Paulo, Brasil, os quinze primeiros sacerdotes dos Arautos do Evangelho eram ordenados pelas mãos de Dom Lucio Angelo Renna OC, então Bispo de Avezzano, Itália.

Com filial gratidão desejamos homenagear este prelado, atualmente Bispo de San Severo, que com muita antecipação soube discernir a ação do Espírito Santo, tendo apoiado e incentivado o ramo sacerdotal dos Arautos do Evangelho, erigindo em sua diocese de então a Sociedade Clerical Virgo Flos Carmeli. Como o Bom Pastor, ele ainda hoje nos acompanha com suas orações e conselhos, concede-nos uma profunda amizade, e dá-nos não poucas vezes a honra de sua presença.

Arautos, a qual, embora inacabada sob vários aspectos, serviu entretanto como digno marco para a solene cerimônia presidida pelo Cardeal.

Assim, em 20 de maio, nela foram ordenados presbíteros os arautos Alex Barbosa de Brito, Aumir Antonio Scomparin, Hamilton José Naville, Isoldino José Quintão e Silva, Jorge Irving Jordan Vargas, José Alfredo Jordan Vargas, José Mário da Silva e José Roberto Polimeni; e diáconos, David Edward Ritchie, Katsunuma Sakurata, Luiz Alexandre de Souza, Mário Sérgio Sperche e Mauro Sérgio da Silva Izabel.

As palavras do Cardeal

E se a presença do Cardeal entre os Arautos do Evangelho marcou profundamente a história dessa instituição, também Sua Eminência soube ver nesses dias de convívio a presença de Deus, que ele sintetizou nas palavras pronunciadas quando, ao fim da cerimônia litúrgica, lhe foi entregue como presente de despedida um belo cálice:

“Queridos irmãos e irmãs:

Haec est dies quam fecit Dominus, exultemus et laetemur in ea! — Este é o dia que o Senhor nos fez: Alegres exultemos por ele! (Sl 117, 24).

Vivemos hoje um grande, um belo, um maravilhoso dia, nesta ordenação diaconal e sacerdotal. Meus sentimentos e minhas emoções não encontram palavras adequadas para expressá-los. Eu vejo aqui, neste grande, imenso país

que é o Brasil, uma fé viva, uma fé que transporta as montanhas, uma fé profundamente arraigada no coração do Pe. João e no coração dos Arautos do Evangelho. Isso é o que a Igreja hoje necessita: esse amor ao Senhor, esse amor à Igreja, esse amor e fidelidade ao Santo Padre.

Obrigado, Pe. João, obrigado aos Arautos do Evangelho, à Sociedade de Vida Apostólica Virgo Flos Carmeli, por este testemunho que dão ao mundo inteiro, com a fé que os anima. Tudo o que surgiu aqui tem todas as aparências de um milagre. E este milagre nasce de corações cheios de amor de Deus, e cheios de fé. Seja esta a lição deste dia, para todos nós.

Felicito os neo-sacerdotes e os diáconos, e, sobretudo, agradeço de co-



A fachada da igreja de Nossa Senhora do Rosário, ainda em construção, no momento do cortejo de encerramento da cerimônia

Bênção Apostólica do Santo Padre



TELEGRAMMA								
18 MAI. 2007		N. 1113		di receipt - consegnato al postulante alle ore		MAG. 2008 - 8.000		
18 MAI. 2007		Em.za Rev.ma Cardinale Franc Roè		Prefetto della Congregazione Istituti		Città del Vaticano		
De		Vita Consacrata e Società		Vita Apostolica		Città del Vaticano		
Cognome		c/o Padre Giovanni D'Ercole		Città del Vaticano		Città del Vaticano		
N. d'ordine		Qualifica		Destinazione		Provenienza		N.º
				Città del Vaticano		Città del Vaticano		3838
						Paese		2
						Giorno e mese		18/05/07
						Ore e minuti		17.31
						Indicazioni eventuali		
<p>POR OCASIÃO ORDENAÇÃO SACERDOTAL PRESBITERAL E DIACONAL, IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA DIOCESE DE BRAGANÇA PAULISTA, DE ALGUNS MEMBROS ARAUTOS DO EVANGELHO, SUMO PONTIFICE INVOCA SOBRE ELES COPIOSAS GRAÇAS DIVINAS PARA VIVER COM GENEROSA DEDICAÇÃO TESTEMUNHO DE CRISTO EM MINISTERIO PECUNDO PELO BEM DAS ALMAS, CONCEDE-LHES, EXTENSIVA COMUNIDADE RELIGIOSA E FAMILIARES, IMPLORADA BÊNÇÃO APOSTÓLICA.</p> <p>LEONARDO SANDRI, SUBSTITUTO SECRETARIA DE ESTADO</p>								

ração ao Pe. João, por me ter convidado, e aos senhores cardeais, arcebispos e bispos, para esta manifestação magnífica de fé, nesta terra bendita do Brasil. E obrigado pelo presente que levo a Roma. Lembrar-me-ei de todos, durante o Sacrifício eucarístico e em todas as minhas orações. Muito obrigado!”

* * *

A presença de Sua Eminência durante os dias nos quais esteve entre nós, foi motivo de grande edificação para todos. Suas palavras e seu exemplo tornaram os Arautos ainda mais cientes de que por si mesmos pouco valem, e é da estreita união com o Papa e da fiel execução de suas sábias orientações que lhes vêm

forças para o apostolado e bênçãos para os empreendimentos.

Com efeito, mostrando ser experiente pastor de almas, o augusto visitante soube marcar a fundo nos corações esta tão expressiva verdade evangélica: o ramo por si mesmo nada pode, mas se permanecer na videira, dará frutos em abundância (cf. Jo 15, 1-8). ✧



O Pe. João Clá Dias em amigosa conversa com Dom José Maria, Bispo diocesano de Bragança Paulista, momentos antes da Missa

Autoridades presentes à cerimônia de ordenação sacerdotal e diaconal



1



7



2



8

Celebrante

• Emmo. Cardeal Franc Rodé CM, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica

Concelebrantes

• Emmo. Cardeal Juan Luis Cipriani Thorne, Arcebispo de Lima e Primaz do Peru (1)

• Emmo. Cardeal Juan Sandoval Íñiguez, Arcebispo de Guadalajara (México) (2)

• Dom Héctor Miguel Cabrejos Vidarte OFM, Arcebispo de Trujillo e presidente da Conferência Episcopal do Peru (3)

• Dom Luis Augusto Castro Quiroga, Arcebispo de Tunja e presidente da Conferência Episcopal Colombiana (4)

• Dom Ramón Benito de la Rosa y Carpio, Arcebispo de Santiago de los Caballeros e presidente da Conferência Episcopal da República Dominicana (5)

• Dom Rino Passigato, Núncio Apostólico no Peru

• Dom Geraldo Majela de Castro, Arcebispo emérito de Montes Claros (Brasil) (6)

• Dom José Maria Pinheiro, Bispo de Bragança Paulista (Brasil) (7)

• Dom Benedito Beni dos Santos, Bispo de Lorena (Brasil), Supervisor Geral de Formação dos Arautos do Evangelho (8)

• Dom Gílio Felício, Bispo de Bagé (Brasil)

• Dom Angel Francisco Simón Piorno, Bispo de Chimbote (Peru)

• Dom Emiliano Antonio Cisneros Martínez, Bispo de Chachapoyas (Peru)

• Dom Gregório Nicanor Peña Rodríguez, Bispo de Nuestra Señora de la Alta gracia en Higüey (República Dominicana)

• Dom José Dolores Grullón Estrella, Bispo de San Juan de la Maguana (República Dominicana)

• Dom Edney Gouvêa Mattoso, Bispo auxiliar do Rio de Janeiro (Brasil)

• Dom Juan Vicente Córdoba Villota SI, Bispo auxiliar de Bucaramanga (Colômbia)

• Mons. Angelo di Pasquale, Cerimoniário Pontifício emérito e Consultor dos Arautos do Evangelho (9)

• Mons. Gaspar Sadoc da Natividade, Vigário Geral da Arquidiocese de Salvador (Brasil)

• Mons. Guillermo Inca Pereda OSJ, Vigário Geral da Diocese Castrense do Peru

• Mons. Mariano Fazio, Reitor Magnífico da Pontifícia Universidade de Santa Cruz, em Roma (10)

• Mons. Vicente Ancona, Vigário Regional do Opus Dei no Brasil (11)

• Mons. Adriano Pacanelli, Cerimoniário da Basílica Papal de Santa Maria Maior (12)

• Mons. José Correa, Pároco de Caieiras (SP)

Autoridades civis e militares

Antonio Ayacida, Prefeito Municipal de Mairiporã; vereador João Ferreira Lopes, representando o Presidente da Câmara Municipal; Dr. Antônio José Pereira, Delegado Titular de Polícia de Mairiporã; e Major Antônio Marcos da Silva, sub-comandante do 20º Batalhão de Polícia Militar Metropolitana.



3



9



4



10



5



11



6



12



Cortejo de entrada

Três cardeais e mais doze prelados provenientes da Europa e de diversos países da América Latina, além de numerosos sacerdotes, concelebraram a Missa de ordenação

Aspecto do presbitério



A nave central da igreja, vista do coro



O Cardeal Franc Rodé ordena sacerdote o diácono Hamilton José Naville

Os ordenandos, de joelhos, aguardam o momento da ordenação





África do Sul – Visitas a colégios e aos menos favorecidos fazem parte do dia a dia dos Arautos em Johannesburg. À esquerda, Missão Mariana no colégio I. R. Girffith; à direita visita ao Little Eden, Society for the Care of Persons with Mental Handicaps.

Novo Arauto cooperador em Ruanda

Emmanuel Batagata recebe a capa dos Arautos do Evangelho, durante a Celebração Eucarística, das mãos do pároco, o Pe. León, em Rango (Ruanda). Na hora da comunhão, exerce suas funções de ministro da Eucaristia, revestido da insígnia dos Arautos.



O apostolado do oratório na África

É Maria que vai abrindo caminho, batendo suavemente à porta das almas e pedindo licença para entrar nos lares. Hospitaleiros e sedentos de sobrenatural, os africanos acolhem alegre e generosamente a Mãe de Deus, aderindo ao Apostolado do Oratório. Em Yayoundé (Camarões) o Apostolado do Oratório acaba de lançar suas primeiras sementes. O primeiro coordena-

dor, nesse país africano, Paul Epke, conta que após a visita do Oratório a uma das famílias, na capital, Nossa Senhora concedeu uma grande graça, reunindo o casal, que estava separado há mais de dez anos. E testemunha que também em outros lares se acentuou a união entre seus membros com o Apostolado do Oratório. Por onde passa, Maria vai derramando graças em profusão.



Ruanda – Após a Missa dominical, todos se reúnem em torno do Oratório, que será levado de casa em casa, em cortejo. Muitos se aproximam do Oratório, fazem uma curta oração e pedem que Maria visite também seu lar.

Camarões – Em Yaoundé, cada família visitada pelo Oratório do Imaculado Coração de Maria, se reúne com grande número de vizinhos para recitar devotamente o Rosário. No fim da visita, todos se deslocam em cortejo até à casa seguinte.



Ruanda – Na Paróquia de Rango, nos Primeiros Sábados, os membros do Apostolado do Oratório fazem uma pequena procissão até à igreja paroquial, rezando o Rosário.



Filipinas – Em Bukidnon, Mindanao, a Imagem de Nossa Senhora de Fátima foi recebida na Igreja Matriz, tendo visitado também a Prefeitura Municipal e os estabelecimentos de ensino.



Peru – Após a procissão pelas ruas de Lima, a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria foi recebida na Catedral pelo Bispo auxiliar, Dom Adriano Tomasi OFM, que presidiu a Missa comemorativa do 90º aniversário das Aparições de Fátima.



Polônia – Mons. Angelo di Pasquale, consultor dos Arautos do Evangelho, entrega os primeiros oratórios que peregrinarão nesse país.



Reino Unido – As residências e escolas de Denbigh e cercanias, no País de Gales, receberam a visita da Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria.



Dia das Mães – Entre os Arautos, a primeira homenageada no Dia das Mães é Maria, Mãe de Jesus, Mãe da Igreja e Mãe de cada um dos cristãos. Por isso, esse dia foi comemorado com grande solenidade nas casas de formação da juventude dos Arautos, com a Celebração Eucarística e a coroação da Imagem de Nossa Senhora, realizada por uma das mães presentes. Na foto, aspectos da celebração no auditório do Colégio Arautos, na Granja Viana, onde o Pe. Timothy Ring celebrou a Santa Missa por todas as mães da grande família dos Arautos do Evangelho.



Corpus Christi em Roma

Uma das celebrações mais esplendorosas e belas da Cidade Eterna é a comemoração do Corpus Christi. Após a solene Missa presidida pelo Santo Padre na Basílica de São João de Latrão, Jesus Sacramentado é conduzido em procissão pelo Sumo Pontífice, através da Via Merulana, até a Basílica de Santa Maria Maggiore, onde o ato se encerra com a bênção do Santíssimo Sacramento.

Comentando a solenidade de Corpus Christi, no Ângelus de domingo — pois em muitos países a celebração litúrgica é transferida para esse dia — o Papa relembrou a importância da adoração eucarística:

“Quero aproveitar a ocasião que me é oferecida por esta solenidade, para recomendar vivamente aos pastores e a todos os fiéis a prática da adoração eucarística. Alegreme constatar que muitos jovens estão descobrindo a beleza da adoração, tanto pessoal como comunitária. (...)

“Na vida de hoje — concluiu o Santo Padre — tão frequentemente barulhenta e dispersiva, é muito importante recuperar a capacidade de silêncio interior e recolhimento: a adoração eucarística nos permite fazê-lo, não só centrando-nos no nosso ‘eu’, como também na companhia desse ‘Tu’, cheio de amor que é Jesus Cristo, o Deus que está perto de nós.”



Na sacristia papal da Basílica de Santa Maria Maior, Bento XVI saudou dois Arautos que haviam participado da celebração, o Pe. Steven Schmieder (foto da esquerda, à direita) e o Diác. François Bandet (foto da direita), o qual pediu ao Santo Padre uma bênção para todos os membros da instituição: “Os Arautos!... Sois tão numerosos no Brasil!” – respondeu com prazer o Pontífice, lembrando sua recente viagem a este País.

Deus me vê

Queremos servir a Deus com mais amor e perfeição? Lembremo-nos de seu olhar sobre nós dia e noite.



Teresita Morazzani Arráiz

Quando contemplamos, num belo anoitecer de verão, a abóbada celeste, percebemos miríades de estrelas que aos poucos vão se acendendo aqui, lá e acolá. Na verdade, além das que vemos, existem milhões e milhões de outras que só com a ajuda de boas lunetas conseguiríamos ver. E ainda resta um número quase incontável que nem sequer a ciência, com todos os seus recursos, logrou ainda observar.

Pois bem, mesmo sendo o universo tão imenso a ponto de nos parecer

sem limites, há um Ser superior a isso tudo, que tudo criou, tudo governa e tudo vê: Deus infinito. Ele está presente em tudo, não há lugar onde Ele não possa estar, como diz o Salmista: *“Tu me envolves por todo lado e sobre mim colocas a tua mão. Onde eu poderia ocultar-me do teu Espírito? Para onde poderia fugir da tua presença? Se subir até os céus, Tu lá estás; se descer ao mundo dos mortos, ali Te encontras”* (Sl 138, 5.7-8). Também lemos nos Atos dos Apóstolos que em Deus *“vivemos, nos movemos e existimos”* (At 17, 28).

O modo de Deus estar presente na criação

Ensina-nos o grande São Tomás de Aquino que existem três modos de Deus estar presente na obra da Criação. Primeiro, por potência, influxo ou poder, pois tudo está submetido a seu domínio; se Ele “cochilasse” um instante, tudo voltaria ao nada. Segundo, por presença, visão ou conhecimento, pois tudo está patente e como que descoberto a seus olhos; nada Lhe escapa, nem sequer os mais ocultos pensamentos. Terceiro, por essência ou substância,

pois Ele está em tudo, como causa de seu ser.

Falando em termos mais específicos, existem outras presenças de Deus, como a inabitação na alma do justo, realizada através da graça. Também a presença pessoal ou hipostática, única e exclusivamente de Cristo, pela qual sua humanidade adorável subsiste na própria pessoa do Verbo Divino. Por isso Ele é pessoalmente Deus, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade encarnada. Temos, ademais, a presença sacramental ou eucarística, na qual Jesus Cristo está realmente presente sob as espécies do pão e do vinho.

Há, por fim, a presença de visão ou manifestação, que é a do Céu. Deus está presente em toda parte, porém, não Se deixa ver em todo lugar, mas somente no Céu. Só na Visão Beatífica Ele Se manifesta face a face aos bem-aventurados.

Lembre-mos dia e noite do olhar de Deus

Portanto, Deus está presente em toda parte e constantemente nos vê.

Oh! quantos crimes seriam evitados, quantos problemas seriam resolvidos, quantas lágrimas seriam enxugadas, quantas aflições seriam suavizadas se a humanidade tivesse consciência do olhar de Deus sempre pousando sobre nós! *“Deus está no Templo santo e no Céu tem o seu trono, volta os olhos para o mundo, seu olhar penetra os homens”* (Sl 10, 4).

Estamos aflitos, necessitando de uma palavra de conforto e ânimo para superar algum obstáculo? Precisamos de um coração com o qual possamos nos abrir? Ou de um amigo a quem falar? Por que não recorrer

ao melhor dos amigos, ao mais suave, compreensivo e cheio de compaixão, que é o próprio Deus? Ele nos conhece até o fundo e sabe tudo de que precisamos; seu Divino Coração

Queremos servir a Deus com mais amor e perfeição? Lembremo-nos de seu olhar dia e noite. Certa vez Santo Inácio de Loiola, vendo um de seus irmãos trabalhar de modo relaxado, perguntou-lhe:

— Irmão, para quem trabalhas?

— Para Deus — respondeu-lhe ele.

— Se me disseses que trabalhas para um homem, eu compreenderia tua moleza, mas isso é imperdoável quando se trabalha para Deus.

São Francisco de Sales vivia tão compenetrado da presença de Deus que, estando sozinho ou em sociedade, conservava um porte digno, modesto e grave. Costumava dizer que não sentia constrangimento algum na frente de reis ou príncipes, pois estava habituado a encontrar-se na presença de um Rei muito maior que lhe inspirava respeito.

A oração torna a vida mais leve, suave e amena

A oração freqüente é um meio eficaz para nos recordar a presença de Deus. É tão fácil — durante nossos afazeres, no trabalho, na escola ou em casa, andando pela rua, dirigindo no trânsito ou já deitado para o descanso — fazer uma prece, uma jaculatória que seja, a Deus, ao Sagrado Coração de Jesus e oferecer-Lhe os problemas, pedir-Lhe ajuda e proteção!

Caro leitor, eu o convido a fazer isso diariamente, com amor e confiança, e você verá que aos poucos sua vida irá se

tornando mais leve, suave e amena.

Diz Jesus no Evangelho: *“Pedi e ser-vos-á dado; procurai e encontrareis; batei e não de abrir-vos”* (Lc 11, 9). Por que desprezamos essa promessa proferida por lábios divinos e



“Estou habituado a encontrar-me na presença de um Rei muito maior...”

Vitral de São Francisco de Sales

arde em desejos de ajudar e consolar as almas abatidas e de aliviar as costas carregadas de fardos: *“Vinde a Mim todos vós que estais cansados e oprimidos, que Eu hei de aliviar-vos”* (Mt 11, 28).

que nos dá a garantia absoluta de sermos ouvidos? Poder-se-ia dizer que Nosso Senhor como que Se inclina do Céu sobre a terra, à espreita de que Lhe façamos pedidos, desde os mais simples até os mais ousados, para ter Ele a alegria de atender-nos e encher-nos de dons e graças.

O exemplo de dois santos

Davi encontrava força e consolo em pensar que o Senhor conhecia seus sofrimentos, e exclamava cheio de confiança: *“Ainda que atravesse vales tenebrosos, de nenhum mal terei medo porque Tu estás comigo”* (Sl 22, 4).

Efrém era um jovem que se entregava a todo tipo de vícios. Porém, reconhecendo seus desvios, arrependeu-se e retirou-se à solidão. Um dia veio até ele uma mulher de costumes pouco recomendáveis, para tentá-lo. O homem de Deus prometeu-lhe fazer tudo quanto ela quisesse, com a condição de que primeiro ela o seguisse. Mas a infeliz, vendo que o santo a conduzia a uma praça públi-

ca, disse-lhe que não teria coragem de dar-se em espetáculo. Respondeu-lhe Santo Efrém: “Tens vergonha de pecar diante dos homens e não te envergonhas de pecar diante de Deus que tudo vê e tudo conhece?!” Estas palavras tocaram profundamente a pecadora; ela mudou de conduta e levou até o fim de seus dias uma vida santa.

Deus nos fez herdeiros e mercedores do Céu

Havia antigamente na Alemanha o costume de pintar um “olho de Deus” nas igrejas, nas escolas ou nas casas, para lembrar ao povo que o olhar do Altíssimo nos acompanha a cada passo de nossa existência. Esse hábito salutar perdeu-se de todo e atualmente muitas pessoas vivem no esquecimento quase completo de Deus.

Imaginemos um artista que esculpisse uma belíssima estátua e recebesse de um anjo o poder de infundir nessa sua obra a própria vida humana dele. A estátua começaria a mover-se e a conversar, teria desejos e apetências, as potências da alma desabrochariam nela e a veríamos dotada de personalidade, mentalidade, espírito. O escultor ficaria encantado e deitaria todo o seu amor e seu desvelo na educação desse seu “novo filho”. Preocupar-se-ia com sua instrução, ele mesmo lhe daria aulas e faria dele um jovem perfeito e acabado.

Como deveriam ser a gratidão e a reciprocidade desse ser tão aqinhado? Não é necessário dizer...

Deus está sempre à nossa disposição no Sacramento da Eucaristia, esperando ser recebido por nós

Porém, um belo dia o pai nota que seu filho está diferente, algo nele mudou. Aos poucos, ele foi deixando de ser aquele menino dócil, afável, carinhoso e desejoso de aprender; agora está revoltado, não quer mais saber de seu benfeitor, chega até a desprezá-lo e responder-lhe com rudeza; por fim, toma a atitude de não lhe dirigir mais a palavra e nem sequer olhá-lo. O pobre pai tenta atrair o jovem a si por meio de redobrado afeto e de apelos a seu amor de outrora, mas... em vão!

Que ingratidão monstruosa! — diria alguém. Pois bem, esta metáfora nos dá apenas uma pálida idéia de nosso procedimento quando voltamos as costas para Deus, O rejeitamos, esquecemo-nos d’Ele e nem mesmo nos lembramos de que continuamente está Ele a nosso alcance, desejando nos favorecer e nos prodigalizar seu carinho e sua misericórdia infinita.

Ele escolheu-nos dentre uma multidão infinita de seres possíveis, tirou-nos do nada, deu-nos a vida, infundiu em nós uma alma racional dotada de inteligência, vontade e sensibilidade, encheu-nos de dons naturais e, como se tudo isso fosse pouco, nos deu o Batismo, fazendo-nos viver da própria vida d’Ele. Está sempre à nossa disposição no Sacramento da Eucaristia, esperando ser recebido por nós e nos beneficiar com seu convívio todo feito de doçura e suavidade. E nós, como correspondemos a essa torrente infinita de bondade, a esse amor que O levou a entregar-Se e morrer crucificado como vil malfeitor para redimir-nos e nos fazer herdeiros e mercedores do Céu?

“Oxalá ouvísseis hoje a sua voz: não endureçais os vossos corações” (Sl 94, 7-8). Voltemos nosso coração e toda a nossa vida para Aquele que Se voltou todo para nós e sua vida nos deu. Façamos d’Ele o centro de nossa existência e Ele, a rogos de sua e nossa misericordiosíssima Mãe, um dia nos acolherá na eterna bem-aventurança. ✧





A imagem do sacerdote de Cristo



Fotos: Gustavo Krahl e Victor Iorio

Na homilia da Santa Missa com Rito de Ordenação Diaconal e Presbiteral, celebrada no dia 20 de maio na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no Seminário dos Aautos do Evangelho, o Cardeal Franc Rodé indicou, com a autoridade que lhe é própria, as características de um verdadeiro sacerdote.

Cardeal Franc Rodé C.M.

Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica

Cantai ao Senhor um cântico novo, porque Ele operou maravilhas” (Sl 97, 1).

O Senhor realiza continuamente maravilhas na sua Igreja. Um desses prodígios sois vós, caríssimos irmãos, Aautos do Evangelho, que dentro de pouco receberão o grande dom da ordenação diaconal e presbiteral, no clima de ardorosa espera, de silêncio orante e de adoração.

Através de vós, o Senhor manifesta a sua bondade ao seu povo, a sua fidelidade à Igreja. É pela graça de Deus que sois o que sois, na esperança de que em vós não seja vã a sua graça. Gostaria de traçar com singeleza, para vós e convosco, a imagem do sacerdote de Jesus Cristo, tal qual o deseja a Igreja.

O sacerdote é um homem de fé profunda

Na Carta aos Hebreus está dito que Moisés tinha fé firme, “*como se visse o invisível*” (Hb 11, 27).

O mundo dos divinos mistérios deve ser transparente para o sacerdote, real pelo menos tanto quanto o mundo visível. Ele deve olhar os acontecimentos, a História, a humanidade sob o ponto de vista das realidades eternas, *sub specie æternitatis*; deve falar a partir da perspectiva da eternidade, pois essa perspectiva é sempre atual. Simone Weil escrevia em 1942, em Londres: “*Quereis ter certeza de ser atuais? Falai das coisas eternas*”. As palavras vindas da eternidade encontram um eco particular no coração do homem. Nelas o povo de Deus reconhece a voz

do verdadeiro Pastor. Certamente as pessoas estimam a capacidade organizadora, o sábio senso de administração do sacerdote, mas, sobretudo, esperam que seja um homem de fé viva e firme.

“*Escolhidos entre os homens*” (Hb 5, 1), permanecemos homens, com nossos limites e fragilidades, mas nossa humanidade está misteriosamente enxertada na humanidade de Cristo, e por isso nossa voz comunica o timbre da sua, nossas mãos realizam sua ação salvadora, nosso coração acolhe e transmite as batidas do Coração de Cristo!

O sacerdote deve ser um homem de oração

É graças à oração que sua fé será cada vez mais firme, é através da oração que ele estabelecerá um contato constante com o Senhor. É Deus quem vos buscou e vos escolheu (cf. Jo 15, 16), aproximou-Se primeiramente de modo misterioso, e a seguir de modo cada vez mais claro. Ele vos escolheu e vos chamou, teve paciência, porque n’Ele confiastes.

Fomos escolhidos por Cristo Jesus e chamados a participar, de modo único e singular, de sua obra, a continuá-la em nossa carne, em nossa vida. “*Ser sacerdote significa tornar-se amigo de Jesus Cristo, e isso cada vez mais em toda a nossa existência. O mundo precisa de Deus — não de um deus qualquer, mas do Deus de Jesus Cristo, do Deus que Se fez carne e sangue, que nos amou a ponto de morrer por nós, que ressuscitou e criou em Si um espaço para o homem. Esse Deus deve viver em nós, e nós n’Ele. É esse o nosso chamado sacerdotal: apenas assim a nossa ação sacerdotal produzirá frutos*” (1).

Também vós, caríssimos Ordenandos, como nós, vossos irmãos no sacerdócio, sereis misteriosamente inseridos, com vossa vida, com vossa humanidade, no mistério da Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor Jesus, que é o coração do Cristia-

nismo, e nesse mistério sois chamados a penetrar cada vez mais na oração.

O Santo Padre Bento XVI dizia no dia 6 de outubro de 2006 aos membros da Comissão Teológica Internacional: “*Silêncio e contemplação são necessários para poder encontrar, na dispersão da vida quotidiana, uma permanente união com Deus*”.

Falando com o sacerdote, as pessoas percebem se ele vive em união com Deus ou na dispersão do coração. Esse relacionamento de amor com o Senhor se nutre com a meditação diária da sua Palavra, com a Liturgia das Horas, com a adoração da sua presença contínua na Eucaristia, com a oração confiante a Maria, sua Mãe.

O vértice e a fonte da força espiritual do sacerdote deve ser a celebração quotidiana do Sacrifício Eucarístico. A Eucaristia nos leva a fazer da nossa vida um oferecimento a Deus. Na Santa Missa, ademais, celebra-se o mistério da nossa morte ao homem de pecado, que nos permite viver em Deus. Assim, a Santa Missa é um novo acontecimento cada dia, pois todo dia podemos renascer no coração de Deus. A Eucaristia é sempre a hora do amor “até o fim”, a hora da disponibilidade a renunciar a si mesmo.

Se vivêssemos verdadeiramente o mistério eucarístico, isso nos mudaria radicalmente. “*O que faz da Eucaristia um mistério aterrador — escrevia o Cardeal Ratzinger — é o fato de que o sacerdote é autorizado a falar com o ‘Eu’ de Cristo (in persona Christi). Tornar-se sacerdote, ser sacerdote significa avançar continuamente no caminho dessa identificação. Nunca chegaremos ao fim, mas se procurarmos essa identificação, estaremos no bom caminho: no caminho que conduz a Deus e aos homens, na via do amor*” (2).

O sacerdote é o homem da Palavra

A Palavra de Deus é como um fogo ardente no seu coração (Jr 23, 29).

A Palavra vos é dada, a Palavra vos é confiada! “*Na loquacidade do nosso tempo, na inflação das palavras, dizei as palavras essenciais, a Palavra que vem de Deus, a Palavra que é Deus*” (Bento XVI). Que a Palavra em vós seja viva e pura, e desse modo, potente a ponto de não poder ser retida, livre para sair dos vossos lábios com força irresistível.

O Senhor Jesus vos mostra como fazer. Com que estado de espírito aproximar-se daqueles que têm ouvidos e corações fechados. O Evange-



lho fala de um encontro pessoal, único, irrepetível. Fala de uma comunicação verdadeira, de pessoa a pessoa. É uma indicação preciosa para nós hoje, numa sociedade onde parece que só na massa que grita é possível manifestar-se, vibrar, exprimir-se.

Com demasiada frequência, a massa, a multidão é apenas uma máscara para as nossas solidões. Jesus não despreza as multidões, sabe como falar a muitas pessoas, mas, ao mesmo tempo, procura sempre o coração de cada homem e de cada mulher, o coração do indivíduo.

Liberar a Palavra, eliminar tudo quanto a torna débil, um apego excessivo a si mesmo, a divisão do coração, a atenção exagerada aos bens materiais e tudo aquilo que possa sobrecarregá-la. A Palavra de Deus exige uma plena liberdade interior, uma pertença incondicional ao Senhor e à sua Igreja. *“A palavra de Deus, esta não se deixa acorrentar”* (2Tim 2, 9).

“Apesar das preocupações de todo gênero, nunca vos esqueçais de que sois chamados a ser santos”



O sacerdote é um homem de alegria e de esperança

A alegria do coração é fruto de um renascimento, é uma vitória sobre si mesmo e sobre o mundo — como a fé. Sentir-se feliz por viver, porque a vida é dom e liberdade, sentir-se feliz por ser cristão e membro da Santa Igreja Católica. Sentir-se feliz porque o Senhor nos chamou ao sacerdócio e nos confiou sua Palavra de esperança e de consolação.

Convencei-vos de que sois necessários ao mundo enquanto sacerdotes, porque o mundo precisa de Deus, porque sem Ele a vida não tem sentido, pois Deus é o único antídoto contra a tristeza e o desespero, por ser o único remédio contra a morte, como dizia o poeta Pierre Emmanuel: *“Viver para Deus ou viver para a morte”*. E para que os homens não vivam para a morte, Cristo vos envia às encruzilhadas do mundo a fim de convidá-los à vida.

Como sacerdotes, aproximar-vos-eis das alegrias e das esperanças, das tristezas e das angústias dos homens de hoje, dos pobres e, sobretudo, de todos aqueles que sofrem; nada de quanto é genuinamente humano deixe de encontrar eco em vosso coração ⁽³⁾. Não sereis senhores no mundo, mas servos, para levar a todos o Evangelho da salvação.

Vivei na alegria! Nenhuma dificuldade, nenhuma debilidade pode ser motivo para abandonar-se à tristeza e ao desespero. No sacerdote deve prevalecer sempre a certeza de ser amado imensamente, de um amor eterno, incondicional. E se o seu coração o condena, lembrai-vos que Deus é maior que nosso coração e tudo sabe (1Jo 3, 20).

O sacerdote deve ser santo

Apesar das numerosas ocupações, apesar das preocupações de todo gênero, nunca vos esqueçais de que sois chamados a ser santos: *“Porque essa é a vontade de Deus, a vossa santificação”* (1Ts 4, 3). Vivei,

portanto, *“como convém a santos”* (Ef 5, 3).

E a santidade feita de fidelidade, no cumprimento humilde dos deveres de cada dia, na submissão à vontade de Deus. É a santidade acessível a todos, sabendo que *“nossa presente tribulação, momentânea e ligeira, nos proporciona um peso eterno de glória incomensurável. Porque não miramos as coisas que se vêem, mas sim as que não se vêem”* (2Cor 4, 17).

Para concluir, desejo, junto com todos vós, dirigir-me ao Deus de todas as consolações e, pela intercessão de Maria, nossa terníssima Mãe, Mãe dos sacerdotes, rezar:

Pai, faze destes teus filhos um reflexo fiel do teu eterno amor; capaz de entregar-se sem reservas para que teu povo cresça na fé profunda, na esperança certa, na caridade operosa.

Conforma-os à imagem de teu Filho, sejam acolhedores com todos, servos por amor; ouvintes abertos e vigilantes, anunciadores humildes e altaneiros da Palavra que é vida, profetas do Reino vindouro, sacerdotes do único sacrifício, pastores e guias transparentes dos peregrinos no caminho rumo à Pátria da tua promessa.

Enche-os do teu Espírito, Pai, e faze que sejam sempre colaboradores da alegria de quantos lhes confiarás, hoje e sempre, transmitindo a todos fidedignamente a graça inexaurível do teu amor. Amém! Aleluia! ⁽⁴⁾ ✧

¹⁾ Bento XVI, homilia na Santa Missa do Crisma, Quinta-Feira Santa, 13/4/2006.

²⁾ Joseph Ratzinger, *Un chant nouveau pour le Seigneur*, p. 233.

³⁾ Cf. GS 1.

⁴⁾ Bruno Forte, *Il mendicante del cielo*, pp. 145-146



“Os meus colóquios com a Irmã Lúcia”

Este é o expressivo título do mais recente livro do Cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado de Sua Santidade, que revela interessantes recordações do Purpurado sobre a publicação do terceiro segredo de Fátima.

A obra é prefaciada pelo Papa Bento XVI: *“Nas páginas do livro L’Ultima Veggente di Fatima: I miei colloqui con Suor Lúcia, Vossa Eminência confia tantas recordações para que não permaneçam uma preciosa bagagem de emoções pessoais, mas, tratando-se de acontecimentos que marcam a Igreja nos últimos anos do século XX, sejam entregues à memória coletiva como vestígios com significado na sua história secular”*.

Enquanto há quem procure apresentar as aparições de forma apocalíptica, para o Papa, Fátima é, sobretudo, uma mensagem de esperança: *“Permaneceu-me impressa, como síntese e preciosa marca, a confortadora promessa da Virgem Santíssima: ‘O meu Coração Imaculado triunfará’”*.

Bispos católicos ingleses publicam manual para médicos e enfermeiras

Londres (Rádio Vaticana) – Os bispos católicos da Inglaterra e Gales publicaram um manual para médicos e enfermeiras não-católicos ou ateus, que trabalham nos hospitais britânicos.

Intitulado “Cuidando do paciente católico”, o manual orienta os agentes da saúde sobre as necessidades

espirituais dos enfermos católicos e como proporcionar-lhes um melhor nível de cuidados.

O manual aborda temas relacionados com o significado da Confissão, da Comunhão e de outras devoções como, por exemplo, o uso de medilhas religiosas; trata também da necessidade do paciente católico de falar com um sacerdote.



Popularidade filatélica

Continua tendo enorme procura um selo especial lançado em abril pelo Deutsche Post (Correio Alemão) por ocasião do 80º aniversário do Papa Bento XVI.

Segundo informação do semanário “Paulinus”, de Trier, o grande interesse suscitado pela primeira edição — de 10,4 milhões de exemplares — levou o Deutsche Post a lançar uma edição adicional de 4 milhões.

Inaugurada cópia da “Santa Casa de Loreto” na Ásia

Taipei (Agência Fides) – Mais de 2 mil fiéis participaram da inauguração da cópia da “Santa Casa da Nossa Senhora de Loreto”, presidida pelo Cardeal Paul Shan. Com o Cardeal, concelebraram cerca de cinquenta bispos e sacerdotes. Segundo informa o “Christian Life Weekly”, boletim semanal da Arquidiocese de Taipei, a cópia da Santa Casa de Loreto foi construída no convento de Miao Li, das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus e Maria SCCC, na diocese de Hsin Chu, e é idêntica à que se en-

contra no Santuário de Loreto, na Itália. Esta é a terceira “Santa Casa” no mundo (além da Itália, existe uma cópia na República Tcheca), e a única na Ásia.

Como confirmou o Cardeal Shan, durante a homilia da Santa Missa de inauguração do complexo, *“a partir deste momento, os fiéis de Taiwan finalmente poderão realizar o sonho de uma peregrinação à Santa Casa de Nossa Senhora de Loreto, em sua própria casa”*.

Papa é homenageado em concerto musical alemão

Roma (Rádio Vaticana) – Mais de mil músicos pertencentes a 16 bandas musicais alemãs e austríacas fizeram uma homenagem a Bento XVI, no dia 26 de maio, pela passagem de seu 80º aniversário — celebrado no dia 16 de abril —, desfilando com seus trajes típicos e seus instrumentos musicais pelas ruas de Roma, localizadas nas adjacências do Vaticano: uma colorida parada histórica, que se tornou uma esperada manifestação anual. Os mais de mil musicistas são em grande parte de proveniência bávara, terra de Bento XVI.

Organizada pela *Courtial International* e pela Prefeitura de Roma, a finalidade dessa manifestação anual é a de favorecer o intercâmbio intercultural, sob o signo da música e da alegria, propondo de novo, antigas e novas tradições que estão no coração dos fiéis, e que são a imagem de uma religiosidade popular que jamais cessou.

O desfile teve início na Via della Conciliazione — principal artéria que dá acesso ao Vaticano —, concluindo-se na Praça São Pedro.

No domingo seguinte, as bandas estiveram de novo na Praça São Pedro, para participar da recitação do Regina Coeli e receber a bênção do Santo Padre, ao qual ofereceram a execução de um típico trecho religioso alemão, *Grosser Gott wir loben Dich*.

Fátima comemora 90 anos das aparições com meio milhão de peregrinos

O santuário mariano de Fátima, Portugal, recebeu no dia 13 de maio meio milhão de peregrinos: foi a maior concentração de fiéis dos últimos anos. O motivo dessa grande participação foi a Peregrinação Internacional e a celebração dos 90 anos das aparições de Nossa Senhora aos pastorinhos.

Por ocasião dessas comemorações, o Papa Bento XVI enviou

como legado pontifício o Cardeal Angelo Sodano, decano do Sacro Colégio Cardinalício e Secretário de Estado emérito. Com ele, concelebraram o Cardeal-Patriarca de Lisboa, Dom José da Cruz Policarpo, 30 bispos e 360 sacerdotes.

Na sua homília, o Purpurado, falando da mensagem de Maria nas aparições, pediu à Mãe de



Deus que mostre mais uma vez toda a sua solicitude materna pelos homens e mulheres do nosso tempo, às vezes tentados a se afastarem de Deus para se prostrarem diante do “vitelo de ouro” das fatuidades da terra. O Cardeal se referiu à tentação do abandono da fé que assedia a Europa, considerando-a um dos desafios do catolicismo contemporâneo. *“Ao Imaculado Coração de Maria, entregamos hoje os destinos dos homens e dos povos do nosso Continente, enquanto nos comprometemos a colocar novamente no coração da nossa sociedade aquele fermento do Evangelho que permeara a sua história ao longo dos séculos”*, concluiu.

O Cardeal Sodano revelou aos jornalistas que Bento XVI gostaria de visitar Fátima, mas sublinhou que ainda *“não há nada de concreto a esse respeito”*.



Fotos: Luis Oliveira

Congresso Internacional “Cor Iesu, Fons Vitae”

Com a presença de quase 400 participantes, realizou-se em Barcelona, de 1º a 3 de junho, o Congresso Internacional “Cor Iesu, Fons Vitae” (Coração de Jesus, Fonte da Vida), organizado pelo Apostolado da Oração, o Instituto de Teologia Espiritual de Barcelona, a Fundação Balmesiana e a Schola Cordis Iesu.

Este Congresso nasceu da necessidade de, como afirmou o Papa Bento XVI, “manter a tarefa sempre atual dos cristãos de continuar aprofundando em sua relação com o Coração de Jesus”.

A exposição do Cardeal Salvatore De Giorgi, membro do Pontifício Conselho para a Família -- sobre o “Coração de Jesus como fonte de vida para a família” -- te-

ve uma calorosa acolhida dos assistentes. “O matrimônio, mesmo como simples instituição natural, provém do amor de Deus Criador. Por isso o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher e serão dois numa só carne” -- afirmou o Purpurado.

E acrescentou: “Julguei oportuno fazer esta precisão porque, a respeito da família, está havendo uma crescente agressão de forças culturais, sociais e políticas que tentam desequilibrá-la e arrancá-la de seu fundamento natural, o Matrimônio, equiparando-a a outras formas de convivência, como a das uniões de fato e inclusive a das não-naturais”.

O Papa Bento XVI enviou uma mensagem aos participantes, lida pelo Arcebispo de Barcelona, Dom Luís Martínez Sistach, depois da Celebração Eucarística presidida pelo Núncio Apostólico na Espanha, Dom Manuel Monteiro de Castro. Em sua mensagem, o Papa convidou a aceitar e a corresponder ao amor de Cristo, pondo-o acima de todas as coisas.

Por sua vez, o Núncio Apostólico, durante a homília, estimulou os presentes a “refletir sobre o amor de Jesus e a fazer o propósito de ser fiel, de dar testemunho de nossa fé, sem medo, na vida privada e na vida pública”.

O momento auge do Congresso foi a consagração das famílias ao Sagrado Coração de Jesus, feita pelo Cardeal Salvatore De Giorgi, acompanhado por mais de mil fiéis que participaram da Missa de encerramento do evento.



Carlos Moya



APOSTOLADO DO ORATÓRIO MARIA RAINHA DOS CORAÇÕES

*SEJA TAMBÉM UM COORDENADOR DO
ORATÓRIO DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA!*

ENTRE EM CONTATO CONOSCO POR:

TEL.: (11) 6971-9060

RUA FRANCISCA JÚLIA, 182 - CEP 02403-010 - SÃO PAULO-SP

E-MAIL: admotorio@arautos.org.br

Limbo, uma das mais difíceis questões da teologia

Como conciliar a necessidade do Batismo para alcançar a vida eterna — no caso das crianças que morreram sem o ter recebido — com a vontade salvífica de Deus?

Esta difícil questão — insolúvel à primeira vista, pois sobre o Limbo não há qualquer dado na Revelação — foi abordada pela Comissão Teológica Internacional, num estudo publicado em 5 de maio na conceituada revista “Civiltà Cattolica”, editada pela Companhia de Jesus.

O texto, submetido pelo Cardeal William Levada à aprovação do Papa, embora não seja um documento do Magistério da Igreja, recorda em suas substanciosas 49 páginas a evolução do ensinamento sobre este difícil e controverso tema.

Enquanto os Padres gregos preferem não perscrutar os desígnios de Deus, os Padres latinos avançam com a teoria do Limbo, a qual evoluiu de um inferno mitigado a um lugar onde não haveria sofrimento, pois as crianças não-batizadas, não havendo cometido nenhum pecado consentido, não teriam culpas que justificassem um castigo. Doutrina esta defendi-

da por São Tomás de Aquino e aceita pela generalidade dos teólogos, durante muitos séculos.

No entanto, esta opinião não era unânime na Igreja, pois Inocêncio III já invocava o argumento de que Deus, para cada circunstância, sempre tem um remédio de salvação para a humanidade: *“Não é admissível que se percam todas as crianças pequenas que em tão grande multidão morrem todos os dias, sem que Deus misericordioso, o qual não quer a perdição de ninguém, tenha buscado também para elas algum meio de salvação”*.

Insistindo na necessidade do Batismo, pois não há salvação fora da Igreja, o sólido estudo abre novas hipóteses de solução, fundamentadas, sobretudo, na vontade salvífica de Deus.

Entre muitos outros argumentos — como a analogia com os Santos Inocentes, os quais não receberam o Batismo, ou a predileção de Jesus pelas crianças — recorda-se a doutrina de São Tomás de Aquino, segundo a qual Deus não precisa necessariamente dos sacramentos para conferir a alguém os seus efeitos. Tal foi o caso da Santíssima Virgem Maria, a Quem

Deus aplicou os efeitos da Redenção antes do nascimento de Jesus Cristo, isentando-A do pecado original: é o dogma da Imaculada Conceição. De forma análoga, poderia Deus aplicar os efeitos do Batismo às crianças prematuramente mortas sem terem sido batizadas.

O estudo conclui com o ensinamento do Catecismo da Igreja Católica, o qual afirma que a *“Igreja só pode confiar as crianças mortas sem Batismo à misericórdia de Deus. Com efeito, a grande misericórdia de Deus, que quer que todos os homens se salvem”* (1 Tm 2, 4), e a ternura de Jesus para com as crianças levando-O a dizer: *“deixai as crianças virem a Mim, não as impeçais”, nos permitem esperar que haja um caminho de salvação para as crianças mortas sem Batismo*, podendo vir a gozar da visão beatífica.



François Bouley

São Tomás de Aquino, Igreja do Santíssimo Sacramento, Quebec (Canadá)

Novo presidente da Caritas Internacional

O Cardeal Oscar Andrés Rodríguez Maradiaga SDB, Arcebispo de Tegucigalpa (Honduras), foi escolhido novo presidente da Caritas Internacional, no decurso da XVIII Assembleia geral da instituição, realizada em Roma.

No final dos trabalhos, os participantes da Assembleia foram recebidos por S. S. Bento XVI, o qual lembrou que essa Confederação, composta por 150 associações nacionais, “não trabalha apenas em nome da

Igreja, mas é parte da Igreja”. O Papa sublinhou também que a missão da Caritas Internacional é “cooperar na missão da Igreja de difundir por todo o mundo o amor a Deus”.

“Roma renascida”

“Rome reborn” (Roma renascida) é o título de um projeto desenvolvido pela Universidade de Virgínia, em colaboração com o Instituto Politécnico de Milão, que reconstrói virtualmente a cidade de Roma tal como era no ano 320 d.C., quando chegou a ter um milhão de habitantes.

Utilizando recursos de software, a “maquete virtual” reproduz detalhadamente os principais prédios, entre eles o Coliseu, permitindo “passar” pelo seu interior. Para os outros 10 mil edifícios, foram usadas reproduções precisas do famoso “Plástico de Roma Antica” que se conserva no Museu da Civilização, em Paris.

Para conhecer mais detalhes deste projeto, dirigido pelo Prof. Bernard Frischer, em colaboração com renomados especialistas, pode-se visitar a página web www.romereborn.virginia.edu.

O índio centenário

Quando ainda juvenzinho, veio-lhe à mente uma curiosidade: quem fez a lua? Perguntou a outros índios mais velhos, que lhe contaram as lendas comuns a todas as tribos.



Martha Lucía Ovalle

O sol nascente dispersava aos poucos a bruma que, durante a noite, havia coberto a densa mata sul-americana. Sentado tranquilamente, o velho índio tupi tomou um gole de chá de erva-mate, olhou para todos em torno e, sorrindo, disse:

— Este menino me pergunta se conheci o Pe. Anchieta. Ora, pois! Olhe, guri, “conheci” é dizer pouco! Eu fui guia desse santo durante mais de seis anos!

Os jovens brancos, índios e mestiços que dentro da grande cabana tomavam seu café da manhã fizeram um círculo, sentados no chão, como era costume naquela distante época da colonização. Os adultos, a uma certa distância, meneavam a cabeça afirmativamente. Ninguém conhecia as histórias dos tempos antigos melhor que o velho Juriti. Já naquele distante século XVI, o Pe. Anchieta era venerado como grande santo e missionário.

— Pois conte alguma coisa dele, “vô” Juriti! — disse um dos pequenos, com os olhos enlucados.

O velho índio ajeitou melhor o poncho e fixou o olhar num ponto distante, como a vislumbrar o passado. Temperou um pouco a garganta, e começou...

* * *

Oh! já faz mais de quarenta anos... Logo após os ferozes tamoios canibais concordarem com a paz, o Pe. Anchieta chamou seu fiel guia Juriti e lhe deu ordem de preparar-se para uma longa viagem. Não mais havia o perigo da guerra, assim ele planejava visitar as distantes tribos já evangelizadas, que ficaram isoladas no período das hostilidades.

De fato, três dias depois eles partiram, acompanhados de alguns batedores e carregadores. Foram várias semanas de andanças pela terrível mata tropical, e nem vou contar perigos corriqueiros, como onças e jibóias. As tribos recebiam com alegria o santo abaré, e foi um sem-fim de batismos.

Ora, certo dia, o seu guia resolveu abrir uma trilha nova, fora das veredas habituais da região. Caminharam horas, e a mata tornava-se cada vez mais fechada. Quando menos esperavam,

abriu-se diante deles uma ampla clareira na qual nada havia, exceto um enorme tronco caído bem no meio.

Para surpresa de todos, sentado nele, imóvel, estava o índio mais velho que alguém possa ter visto. Seu cabelo longo e liso, branco como a espuma do mar, escorria tal qual uma mansa cascata sobre os ombros e as costas. Seus olhos negros e pequeninos, em meio à face enrugada, vigiavam atentamente os recém-chegados.

Os supersticiosos carregadores índios se amedrontaram, julgando tratar-se de um espírito da floresta. Ele, porém, pareceu alegrar-se ao ver o sacerdote cristão e, trôpego, caminhou lentamente até este. Com voz fraca e humilde, curvou-se e lhe disse:

— Ensina-me a verdade!

De onde havia surgido esse índio tão idoso? Que verdade queria ele conhecer? A história, nós a ouvimos de seus próprios lábios.

Muitas e muitas chuvas atrás, quando ainda juvenzinho, ele certa vez contemplava com outros índios uma bela noite de luar. Veio-lhe à mente uma curiosidade: quem fez a lua? Perguntou a outros índios mais

velhos e estes lhe contaram a lenda comum a todas as tribos. “Sim — insistiu ele — esta é mais uma história como as que se contam nas noites de festa. Mas diga-me a verdade: quem fez a lua?” Como réplica, repetiram-lhe a mesma lenda. E ele também não perguntou mais, pois percebeu que seus semelhantes não conheciam outra resposta.

Com o tempo, muitas outras questões começaram a saltar em sua mente:

E nós, tupis, de onde viemos? E quando morremos, o espírito vaga pelas florestas? E se eu for um bom índio, meu espírito vai vagar junto com os dos nossos inimigos?

Nunca encontrou alguém capaz de lhe responder. Anos depois, já homem feito, criou coragem e foi expor ao pajé da tribo todas as suas dúvidas e curiosidades. O velho feiticeiro seriu dele e o despediu sem resposta. Pior ainda, gracejando, contou o ocorrido a outras pessoas, de modo que em poucos dias o pobre se tornou objeto de riso e pilhéria de toda a tribo e recebeu o apelido de “Amigo da Lua”.

Sentindo-se assim rejeitado, ele se isolava cada vez mais, e passou a morar numa cabana longe da aldeia de sua tribo. Uma noite, sozinho sentado à beira do rio, admirava mais uma vez a lua cheia, e pensava: “Pois prefiro ser amigo da lua que amigo desses brutos! Oh... se encontrasse alguém que me explicasse a verdade! Daria minha vida por isso!”

No mesmo instante, um clarão fulgurante surgiu-lhe diante dos olhos. Parecia ser um luminoso espírito da floresta, porém, atraente e benfazejo. Tinha a aparência de um jovem em cujo rosto havia uma expressão de muita paz, e com a fantástica característica de possuir duas grandes e belas asas brancas, como a dos pássaros. Com voz calma, falou ao espantado índio num perfeito e harmonioso tupi:

— A paz esteja contigo! Sei que os outros te chamam de Amigo da Lua. Na verdade, tu és bem mais do que

ra por ele aberta, esperou. Passaram-se os dias, os meses e os anos. Ele só saía para comer e beber, logo retornando ao seu lugar de espera. O tempo consumiu seu antigo vigor, seus negros cabelos tornaram-se brancos, mas em nenhum momento ele duvidou. Por fim, sentiu que a morte já se avizinhava. Naquela manhã, recordou-se, completaria cem anos. Quando se cumpriria a promessa do espírito de asas brancas? Enquanto nisso pensava, ouviu o som de vozes que se aproximavam e, em meio à densa

floresta, viu surgir um homem branco vestido de negro. Calado há décadas, o velho e confiante índio só soube exclamar:

— Ensina-me a verdade!

Comovido e impressionado, o Pe. Anchieta percebeu que o pobre índio sustentava-se em suas últimas forças. Sentou-se a seu lado e deu-lhe uma explicação resumida dos mistérios da vida de Nosso Senhor



“Sei que os outros te chamam de Amigo da Lua. Na verdade, tu és bem mais do que isso...”

isso. És amigo do Senhor Todo-Poderoso, aquele que criou a lua, o sol, os homens e tudo mais. Do alto do Céu, Ele tem observado a tua procura da verdade e te manda uma mensagem: caminharás três dias em direção ao poente, e então abrirás uma clareira em meio à mata virgem. Nesse local, um dia virá um homem branco vestido de negro, e ele te ensinará a verdade. Tudo o que precisas fazer é ter paciência e aguardar.

Dito isso, o espírito desapareceu. Contento, Amigo da Lua fez como lhe havia indicado a luminosa aparição. Sozinho, sentado no tronco da clarei-

Jesus Cristo e de sua santa doutrina. Atento e enternecido, o idoso indígena ouvia com lágrimas nos olhos.

Logo após essa breve sessão de catecismo, o missionário o batizou e quis celebrar uma Missa, usando o grande tronco caído como altar. Foi a Primeira Comunhão daquele ancião que vivera como eremita na floresta. No final da celebração, ele desfaleceu, e quando foram acudi-lo, perceberam que seu espírito já não estava nesta terra. Sua face sem vida esboçava um grande sorriso. O Amigo da Lua finalmente encontrara a verdade. ✧

OS SANTOS DE CADA DIA

1. Solenidade de São Pedro e São Paulo, apóstolos (Transferida, neste ano, do dia 29 de junho).

Beato Inácio Nazju Falzon, clérigo (+1865). Obteve esmerada formação religiosa e recebeu as ordens menores; não quis, porém, ser ordenado sacerdote por julgar-se indigno. Dedicou sua vida ao cuidado dos enfermos e à catequese dos soldados ingleses feridos de guerra.

2. Beato Pedro de Luxemburgo, bispo (+1387). Nomeado bispo muito jovem. Foi grande devoto da Paixão e muitas vezes favorecido com visões de Nosso Senhor Crucificado.

3. Festa de São Tomé, apóstolo.

Santo Heliodoro, bispo (+ séc. IV – V). Discípulo de São Valeriano de Aquilêia, participou do Concílio de Aquilêia em 381 contra a heresia ariana.

4. Santa Isabel de Portugal, rainha (+1336).

Beata Catarina Jarrige, virgem (+1836). Terciária dominicana exemplar na assistência aos pobres e abandonados. Durante a Revolução Francesa ajudou os sacerdotes não-juramentados, fornecendo-lhes pão e vinho para a celebração da Eucaristia.

5. Santo Antônio Maria Zacaria, sacerdote (+1539).

Beatos Jorge Nichols e Ricardo Yaxley, sacerdotes, **Thomas Belson**, seminarista, e **Humfredo Pritchard**, mártires (+1589). Martirizados na Inglaterra durante as perseguições de Isabel I.

6. Santa Maria Goretti, virgem e mártir (+1902).

Beata Maria Teresa Ledochowska, virgem (+1922). Nobre alemã da família Ledochowska. Fundou o Sodalício de São Pedro Claver, dedicado especialmente a auxiliar as missões na África.

7. Beata Maria Romero Meneses, virgem (+1977). Nascida na Nicarágua numa abastada família, decidiu fazer-se religiosa salesiana. Enviada à Costa Rica, dedicou-se durante quarenta e seis anos ao serviço dos mais necessitados.

8. Beato Mancius Araki, mártir (+1626). Encarcerado em Omura (Japão) por ter dado refúgio em sua casa ao sacerdote Francisco Pacheco, morreu no cárcere.



“São Paulo” – Afrisco da Basílica de Santa Maria Maggiore - Roma

9. Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus, religiosa (+1942).

Beatas Melânia e Mariana Madalena de Guilhermier, e **Maria Ana**

Margarida dos Anjos de Rocher, virgens e mártires (+1794). Religiosas ursulinas que receberam o martírio durante as perseguições da Revolução Francesa.

10. Santo Apolônio de Sardes, mártir (s. d.). Morto crucificado na perseguição de Laodicéia.

11. São Bento de Núrsia, abade (+547).

Santo Abundio, sacerdote e mártir (+854). Morto em Córdoba, durante a perseguição dos mouros, por proclamar sem temor sua fé. Seus restos foram lançados aos cães e às bestas.

12. Santos Nabor e Félix, mártires (+304). Soldados martirizados durante a perseguição do imperador Maximiano. Segundo a tradição, foram sepultados em Milão.

13. Santo Henrique II, imperador (+1024).

Beato Jacopo de Varazze, bispo (+1298). Dominicano, Arcebispo de Gênova. Para edificar o povo cristão, escreveu a *Legenda Áurea* onde narrou a vida de diversos santos.

14. São Camilo de Lellis, sacerdote e fundador (+1614).

Beato Gaspar de Bono, sacerdote (+1604). Religioso da Ordem dos Mínimos. Destacou-se pelo zelo e espírito de pobreza, enquanto Provincial da Ordem, em Valência.

15. São Boaventura, bispo e doutor da Igreja (+1274).

São David, bispo (+1082). Cluniense enviado como missionário para evangelizar os suecos. Eleito bispo de Västerås, exerceu papel preponderante no desenvolvimento da Igreja na Suécia.

16. Nossa Senhora do Carmo.

Beato Bartolomeu Fernandes, bispo (+1590). Dominicano, Arcebispo de Braga. Atuou como “Primaz das Espanhas” no Concílio de Trento e escreveu diversas obras de teologia e espiritualidade.

17. Beatos Inácio de Azevedo e companheiros, mártires (+1570).

Santa Edwiges, rainha (+1399). Filha dos soberanos da Polônia, casou-se com o rei da Lituânia. Levou a fé católica e esse país, convertendo o marido e todo o povo.

18. Santo Arnulfo, bispo (+640). Eleito Bispo de Metz, renunciou ao cargo para levar vida eremítica.

19. Beato Pedro Crisci, penitente (+1323). Nascido em Foligno (Itália), depois de uma vida mundana, distribuiu seus bens aos pobres e abraçou uma vida de penitências.

20. Santo Apolinário de Ravenna, bispo e mártir (+séc. II).

São José Barsabas, discípulo de Jesus. Designado pelos Apóstolos, junto com São Matias, para ocupar o lugar de Judas.

21. São Lourenço de Bríndisi, sacerdote e doutor da Igreja (+1619).

Beato Gabriel Pergaud, sacerdote e mártir (+1794). No tempo da Revolução Francesa, morreu encarcerado num navio-prisão.

22. Santa Maria Madalena, discipula do Senhor.

São Gualtério, fundador (+1224). Fundou, na Itália, a Casa da Misericórdia, para cuidar de doentes sem recursos.

23. Santa Brígida, viúva e fundadora (+1373).

São João Cassiano, abade (+435).

Escreveu importantes obras sobre a vida monástica que, mais tarde, foram utilizadas para a constituição da Regra beneditina.



“São Pedro” - Afresco da Basílica de Santa Maria Maggiore - Roma

24. São Charbel Makhlouf, sacerdote (+1898).

Santa Eufrásia, virgem (+séc V). Proveniente de uma família senatorial, preferiu levar vida eremítica no deserto de Tebaida.

25. Festa de São Tiago Maior, apóstolo.

Beata María del Carmen Salles y Barangueras, virgem e fundadora

(+1911). Constituiu em Madri a Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição, dedicada à educação feminina baseada numa sólida formação religiosa e cultural.

26. São Joaquim e Sant’Ana, pais de Nossa Senhora.

Beatos Vicente Pinilla e Manuel Martín Sierra, sacerdotes e mártires (+1936). Durante a Guerra Civil espanhola, foram retirados violentamente de uma igreja e fuzilados.

27. Beato Bertoldo de Garsten, abade (+1142). Adotou as reformas cluniacenses na abadia de Garsten, Áustria. Foi muito favorecido pelos dons de profecia e poder taumatúrgico.

28. Beata Alfonsa da Imaculada Conceição, virgem (+1946). Religiosa clarissa de Kerala, Índia. Ofereceu-se como vítima pelos sacerdotes, religiosos e almas consagradas, levando dentro do convento uma vida de terríveis sofrimentos causados por enfermidades.

29. Santa Marta, em cuja casa de Betânia se hospedava Jesus.

São Lázaro, irmão de Marta e de Maria. Estando já há quatro dias no sepulcro, foi ressuscitado por Jesus.

30. São Pedro Crisólogo, bispo e doutor da Igreja (+450).

Beata Maria de Jesus Sacramentado, virgem (+1959). Fundadora das Filhas do Sagrado Coração de Jesus, que se dedicam especialmente ao cuidado dos enfermos.

31. Santo Inácio de Loyola, presbítero (+1556).

São Justino de Jacobis, bispo (+1860). Da Congregação da Missão na Etiópia, entregou-se a uma intensa atividade apostólica, favorecendo a instituição do clero indígena.



A natureza sublimada: os cavalos andaluzes

Ao admirar os maravilhosos saltos dos cavalos andaluzes, não podemos deixar de lembrar-nos de outro salto que cada um de nós é chamado a dar...



Carlos Toniolo

Mesmo nos países desenvolvidos, onde a mecanização invadiu até o campo, pode-se ainda ver em alguns lugares do interior a tradicional figura do cavalo de tração, arando o solo ou puxando, aos pares, pesadíssimas carroças. Ao observá-los, imediatamente nos vem à mente a idéia: “que animal forte”!

Fiel servidora do homem desde tempos imemoriais, a raça equina co-

laborou com ele na construção de impérios e tombou a seu lado em inumeráveis batalhas.

No entanto, em certos momentos, o cavalo abandona a suja lama das plantações e deixa para trás a negra fumaça dos campos de batalha. Limpo e vestido de gala, apresenta-se com incrível distinção na bela arena de evoluções eqüestres.

Na Áustria, em Portugal e em outros privilegiados lugares, milhares de pessoas são atraídas anualmente

pelo encanto dos espetáculos de cavalos adestrados que mesclam elegantes evoluções com ágeis saltos, que quase poderíamos chamar de ornamentais.

Entre essas raças de animais treinados, merecem especial menção os soberbos cavalos andaluzes que confirmam com audaciosa desenvoltura a multissecular tradição eqüestre da Espanha.

Admirando suas majestosas evoluções, os assistentes ficam pasmos ao

**Nas fotos ao lado,
demonstração hípica
com cavalos andaluzes
na Plaza Mayor de
Madrid (Espanha)**

ver aqueles fortes e combativos animais se moverem com a elegância do cisne ou a agilidade das gazelas.

A arte eqüestre é sem dúvida complexa, mas um de seus segredos consiste em contar com bons cavalos dóceis à mão experiente de treinadores de elite. Sob tão segura direção, eles podem atingir um elevado grau de perfeição que, de modo algum, jamais alcançariam por si mesmos.

* * *

Também o homem não terá limites a serem superados, os quais ele nunca poderá ultrapassar sozinho, sem que uma mão o guie, eleve e aperfeiçoe?

A resposta é evidentemente sim.

Após o pecado original, nós homens sentimos o peso de nossa parte animal, que nos leva, muitas vezes, a reações brutas, preguiçosas ou até irracionais.

No entanto, quando nos fazemos dóceis à divina mão do Criador, somos tomados por sua graça, e então se operam as maravilhas. De pesados nos tornamos ágeis; de toscos, elegantes; o sombrio egoísmo das bestas, que tantas vezes pugna por nos dominar, é vencido pela sublime caridade de que dão testemunho os santos.

Ao admirar os maravilhosos saltos dos cavalos andaluzes, não podemos deixar de lembrar-nos de outro salto, que cada um de nós é chamado a dar, ao longo do muitas vezes penoso caminho de nossas vidas: o salto do natural para o sobrenatural, o grande salto deste vale de lágrimas, que é a terra, para as luminosas portas da Jerusalém Celeste. ✧



*Imperatriz da cidade feliz
do Paraíso com toda a alegria eterna,
isenta sois de pecado, plena de virtudes,
Mãe de Deus por obra divina.
Virgem agradável de face angelical,
assim como sois cheia de graça perante Deus,
sede piedosa com os fiéis,
rezando por eles ao Rei celestial.*

*Rosa fragrante de verdadeira bondade,
fonte de graças que nunca se esgota,
palácio de honra, onde a aliança foi feita
entre Deus e o homem, para nossa salvação.
Através de Vós Deus Se fez homem,
não faltando qualquer elemento,
e como homem morreu, sem dúvida alguma,
e Se elevou da sepultura como verdadeiro Deus.*

*Flor das flores, doce, misericordiosa e piedosa,
vemos o implacável anjo de Deus.
É porque Deus o enviou para punir,
ele está pronto, de espada em punho.
Que seja da vontade de Deus ordenar-lhe
que não levante a espada, perdoar
todos os nossos erros até o dia de hoje
e nos dar alegria, paz e saúde.*

*(Tradução livre do antigo
motete "Imperaytritz", do Llibre
Vermell de Montserrat)*

**"Nossa Senhora do Coromoto"
Seminário dos Arautos do
Evangelho, São Paulo (Brasil)**

